

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Rafaela de Camargo Marcelino

**A preservação do Patrimônio Histórico como construção de
memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté**

Taubaté – SP

2022

Rafaela de Camargo Marcelino

A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté

Dissertação, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação

Linha Pesquisa: Contextos, Práticas Sociais e Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala

Taubaté – SP

2022

**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBi
GRUPO ESPECIAL DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO – GETI
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

M314p Marcelino, Rafaela de Camargo

A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté / Rafaela de Camargo Marcelino. -- 2022.

95 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala, Departamento de Ciências Sociais, Letras.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Monumento arquitetônico.
3. Identidade. 4. Memória. 5. Geracional. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano. II. Título.

CDD – 901

Rafaela de Camargo Marcelino

**A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação
entre gerações e identidades em Taubaté**

Dissertação apresentada para Exame de Defesa, como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: formação, políticas e práticas sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano,
Políticas Sociais e Formação

Linha Pesquisa: Contextos, Práticas Sociais e
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala

Data: 03/05/2022

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof.a. Dra. Rachel Duarte Abdala

Universidade de Taubaté

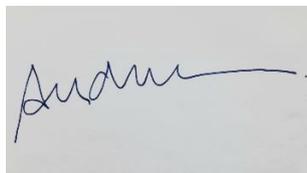
Assinatura:



Prof. Dr. André Bazzanella

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

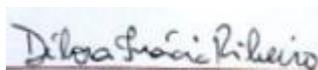
Assinatura:



Prof.a. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura:



RESUMO

Os edifícios que compõem o patrimônio histórico arquitetônico são revestidos de grande relevância para o desenvolvimento humano visto que atuam como referência e testemunho da trajetória histórica da sociedade, permitindo a criação de vínculos entre os indivíduos e a cidade, transmitindo significados e construindo memórias. Nessa perspectiva, tornam-se exemplos de preservação da historicidade do local e de seus moradores. Os Edifícios Históricos trazem o passado para o presente, representando experiências já vividas pela sociedade e sua significância, impactando na construção de memórias das gerações mais novas e nas suas visões do futuro. No que tange à formação de identidades, é por meio da criação do sentimento de pertencimento que os Edifícios Históricos proporcionam, entrecruzando a identidade com a paisagem construída, que o povo pode reconhecer sua própria história representada. Tendo em vista a importância histórica da cidade de Taubaté, que foi consolidada por seus Edifícios Históricos, perante a história nacional, considera-se a importância da preservação desses Edifícios Históricos. Pretendeu-se, como objetivo desta pesquisa, compreender a relação entre a cidade, seus habitantes e os Edifícios Históricos em uma perspectiva geracional com a percepção da necessidade de sua preservação. Essa Dissertação está vinculada à linha de pesquisa: Linha Pesquisa: Contextos, Práticas Sociais e Desenvolvimento Humano. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa realizada por meio de uma observação sistêmica com abordagem qualitativa a partir da realização de um grupo focal entre alunos da faculdade de História da Universidade de Taubaté, e um grupo de idosos participantes do projeto de extensão também da universidade. Posteriormente, foi realizada a aplicação de entrevistas com um representante de cada faixa etária para considerar suas percepções individuais sobre o tema. A realização desta pesquisa teve como finalidade identificar o reconhecimento da história por meio dos Edifícios Históricos, o aprendizado que eles transmitem para a população, sua importância na formação das identidades e, por consequência, fomentar ações de preservação. O resultado encontrado durante a pesquisa é a consciência existente entre as gerações de Taubaté sobre sua importância histórica, porém a falta do saber quais são as ações necessárias para a preservação dos edifícios também foi bem aparente, a grande parcela dos entrevistados culpou a falta de interesses políticos. A conclusão final é realmente indicar a falta efetiva de ações políticas para a preservação da história de Taubaté presente em seus prédios antigos. Porém a falta de interesse da população de realizar ações para tais atos também é presente, seja por falta de conhecimento de seus direitos como cidadãos ou pela falta de reciprocidade vindo da população ou do município.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento humano. Monumento Arquitetônico. Identidade. Memória. Geracional.

ABSTRACT

In view of the obstacles faced for the preservation of historical and cultural heritage and the relationship between the notion of heritage and the formation of individual and collective identity for the construction of memories, it is believed that the relationship between generations contributes to the perception of this relationship. Thus, it is intended in this research to study the relationship between two particular generations - the elderly and adolescents, to observe the conception of heritage and its preservation. The objective of this research is to understand and observe the relationship between historical and cultural heritage, its manifestations and the contribution to memory and identity between generations. This Dissertation is linked to the research line: Research Line: Contexts, Social Practices and Human Development. Methodologically the research should be conducted through a systemic observation, within a focus group, between high school students of the university school, in which this research is being conducted and a group of elderly participants in a university extension project, totaling twelve people. Subsequently, it is planned to apply two interviews, one with a representative of each group, the elderly and adolescents, to consider their specific perspectives. Both methodological techniques will be through adherence. The documents related to the existing architectural heritage of the city to be studied should be analyzed, along with the possible actions of iphan. To assist in the construction and understanding of this research, concepts will be addressed such as historical heritage its relationship with the concept of city from the perspective of architecture, the cultural manifestations that they transmit, and assist in memory and identity in the design between generations. The result found during the research is the existing awareness among the generations of Taubaté about its historical importance, but the lack of knowing what actions are necessary for the preservation of buildings was also very apparent, a large portion of the interviewees blamed the lack of political interests. The final conclusion is really the lack of effective political actions for the preservation of the history of Taubaté present in its old buildings, however the lack of interest of the population to carry out actions for such acts is also present, either due to lack of knowledge of their rights as citizens or the lack of reciprocity from the population or the municipality.

KEYWORDS: Human development. Architectural Monument. Identity. Memory. Generational.

LISTA DE SIGLAS

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

CONDEPHAAT- Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE QUADROS

Quadros de participantes	45
--------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
1.1 Problema.....	10
1.2 Objetivos.....	10
1.2.1 Objetivo Geral.....	10
1.2.2 Objetivos Específicos.....	10
1.3 Delimitação do Estudo.....	11
1.4 Relevância do Estudo / Justificativa.....	12
1.5 Organização da dissertação.....	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Patrimônio e Cidade.....	14
2.2 Memória.....	21
2.3 Identidade.....	24
2.4 Cultura.....	28
2.5 Geração.....	34
2.6 Taubaté.....	37
3 METODOLOGIA.....	39
3.1 Delineamento da pesquisa.....	39
3.2 Tipo de Pesquisa.....	39
3.3 Participantes.....	40
3.4 Instrumentos de pesquisa.....	42
3.5 Procedimentos de Coleta de Dados.....	45
3.6 Procedimentos para Análise de Dados.....	46
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
4.1 Perfil dos participantes	49
4.2 Patrimônio como referência de identidade e de memória.....	51
4.3 Patrimônio histórico na relação do indivíduo com a cidade	55
4.4 Preservar para que e para quem?	62
4.5 A relação de Taubaté com seu povo.....	71
Considerações Finais.....	75

REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE A – Roteiro para Entrevista.....	82
APÊNDICE B - Questionário.....	83
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	84
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Menores de Idade.....	87
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Responsáveis	89
ANEXO D – Termo de Assentimento da Instituição	91
ANEXO E – Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável	92

1 INTRODUÇÃO

Os edifícios Históricos são, para Choay (2010), agentes contribuidores para criação da identidade individual e coletiva dos homens, atuando como referências e testemunhas na trajetória histórica da sociedade, sendo estimuladores no processo da consciência social, permitindo a criação de vínculos entre o indivíduo e seus locais de origem, além de transmitirem significados e invocarem memórias.

O patrimônio histórico edificado contribuem ao contar parte da trajetória sócio-histórica de uma região, tornando-se uma referência cultural, social, histórica e econômica, como um exemplo de preservação da historicidade daquele local e de seus indivíduos, como descrito por Iphan (2013).

A cidade de Taubaté, onde é possível encontrar muitos edifícios históricos representativos, fez parte da história nacional do povo brasileiro, sendo uma das cidades mais importantes do interior do estado de São Paulo como afirmado por Abreu (1985). Situada, desde a sua criação, em um ponto estratégico, por estar entre o eixo Rio de Janeiro e São Paulo grandes produtores da época, testemunhou e colaborou com as várias transformações que ocorreram no decorrer da história do país, passando por pontos marcantes como o contato dos europeus com as populações autóctones, o bandeirismo, o período do ouro, o tropeirismo, a época do café e o desenvolvimento industrial, deixando sua contribuição e marca durante todos esses períodos. De acordo com Abreu (1985), Taubaté é uma cidade que exerceu um papel essencial no desenvolvimento do país, tornando-se uma cidade do interior rica em história.

Iphan (2013) afirma que as comunidades do interior do país conseguiram preservar parte de suas diversidades culturais por estarem afastadas das grandes capitais que já haviam passado por processos significativos de transformações urbanas e sociais e, com o município de Taubaté, não foi diferente. Segundo Prado (2005), a cidade possui um berço cultural que manteve, na medida do possível, a conservação de seus edifícios arquitetônicos antigos e as suas manifestações culturais populares. Além disso, a população de Taubaté guardou suas particularidades como comunidade ao longo do tempo, pois, em decorrência do processo de expansão territorial do Brasil colônia, foi constituída uma confluência de culturas, entre elas indígenas, negras e italianas. Para Abreu (1985) e Prado (2005), esses pontos auxiliaram na formação da identidade de seu povo e na formação sociocultural do país.

Ao falarmos de Patrimônio, memória e identidade, nos remetemos a conceitos que estão diretamente relacionados entre si, conforme apresentado por Iphan (2013). A memória se firma

como a capacidade que possibilita aos indivíduos conseguirem reunir sentimentos, sensações, experiências e assim escolherem o que querem guardar e quando as acessar.

De acordo com Iphan (2013), a identidade é formada a partir da sensação de pertencimento a um local, grupo ou religião de maneira a identificar pontos em comum, criando uma ligação com a especificidade individual e com o grupo envolvido.

E, por fim, sendo o Patrimônio material, ele está presente no dia a dia, no cotidiano urbano, está nos museus, nas escolas, ou seja, ele se encontra no âmbito das nossas experiências que serão transformadas em memórias, formando nossas identidades. O Patrimônio pode moldar as vidas e as formas de pensar assim descrito por Iphan (2013).

Para Le Goff (1990), o homem estabelece um constante relacionamento com o passado e é por meio deste acesso se constrói memórias nas quais muitas sociedades conseguem achar respostas para seus problemas atuais. Desta forma, existe uma ligação entre o passado, o presente e o futuro, promovendo mudanças de pensamentos e ações. Podendo, os patrimônios fazerem parte deste processo.

Para entender melhor a relação do patrimônio com a sociedade, que está em constante construção, não basta apenas acessar os livros de história, é necessário ir além, ouvir diretamente daqueles que ajudaram e fizeram parte da construção da cidade. Para Bosi (1990), o restabelecimento com o passado pode emergir por meio das falas dos indivíduos que já escutaram ou presenciaram fatos marcantes na sociedade. Dessa forma, recorrer à população mais velha constitui-se como uma metodologia potente quando se pretende promover esse reestabelecimento.

No momento da juventude, a pressa de viver é muito grande, o agora é o que importa, sem imaginar o futuro e sem olhar o passado. Da maneira como Ferrino (2009) descreve, a relação entre idosos que possuem uma vida desacelerada, havendo tempo para reflexões do passado, entram em conflito com a vida acelerada dos jovens e adultos.

Bosi (1990) também nos mostra a perspectiva de uma sociedade contemporânea que constrange e manipula as vontades dos idosos, esses que vivem para aconselhar por meio de sua vivência as gerações mais novas.

Assim, para Ferrino (2009), culturalmente dentro das relações sociais da contemporaneidade se tornou comum ignorar as falas dos idosos, deixando para eles apenas o silêncio. Porém o que mais querem é serem ouvidos e ter um papel que seja considerado útil dentro da comunidade. Para Bosi (1990) a importância em ouvi-los contribui para a construção das identidades coletivas ao proporcionar trocas de experiências, criando vínculos de

ensinamento e vivência. Logo, a mudança de pensamento deve existir e ocorrer também através de uma cooperação entre as gerações.

O patrimônio se constitui como uma referência identitária e de memória para a sociedade. Por isso, pretendemos (optamos por) pesquisar a relação entre os munícipes e os patrimônios da cidade de Taubaté. Neste trabalho, pretendemos estudar a lacuna produzida com a falta da conscientização da preservação dos prédios arquitetônicos existentes na cidade de Taubaté e como este fato pode interferir diretamente na formação da identidade, seja ela coletiva e/ou individual, da população taubateana.

1.1 Problema

Os edifícios arquitetônicos históricos que se encontram por várias partes da cidade de Taubaté-SP estão ligados diretamente com a construção de memórias individuais e coletivas, além de contarem parte da história do desenvolvimento da região e do país. O município alcançou uma grande importância na formação cultural do país e de seu povo. A criação do vínculo com a cidade também auxilia na formação de identidades coletivas e individuais.

Considerando-se a importância da preservação dos edifícios, que são referências concretas da história de um povo e que fazem diferença na formação identitária da população, pergunta-se: Que articulação se estabelece entre as ações populares de valorização do Patrimônio Histórico de Taubaté e a preservação da própria memória e identidade de diferentes gerações de munícipes?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender a relação entre a cidade de Taubaté-SP, seus habitantes e os Edifícios Históricos numa perspectiva geracional com a percepção da necessidade de preservação do patrimônio.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Estudar a conexão entre os prédios arquitetônicos históricos e a formação da identidade dos munícipes de diferentes gerações;
- Compreender as diferenças geracionais de percepção do patrimônio histórico da cidade de Taubaté;

- Verificar se os munícipes participantes da pesquisa conhecem o patrimônio da cidade e sua relação com a cultura;
- Investigar os motivos que resultam na preservação ou não do patrimônio histórico a partir da percepção dos habitantes da cidade.

1.3 Delimitação do Estudo

Com relação à delimitação temática, os estudos a respeito de Patrimônio abrangem várias linhas de abordagens que são tratadas e desenvolvidas ao longo da atuação de órgãos de preservação do Patrimônio, como o Iphan, o Condephaat e a Unesco, além das pesquisas acadêmicas que indicam a diversidade temática que abrange esse tema, tais como: preservação do patrimônio, patrimônio imaterial e material a relação do patrimônio como referência de memórias, educação patrimonial e formação de identidades.

Para a concepção desta pesquisa, optou-se pelo último item descrito. Mesmo dentro dessa temática existem diversos tipos de objetos a serem analisados. Neste trabalho elegeu-se estudar a relação entre a cidade de Taubaté-SP, seus habitantes e os Edifícios Históricos numa perspectiva geracional, especificamente idosos e jovens, juntamente com a percepção da necessidade de preservação do patrimônio.

A cidade de Taubaté possui 376 anos de história e possui aproximadamente 320.820 mil habitantes, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2021. Como apresentado pelo IBGE, a cidade apresenta um número considerável da população com mais de 60 anos e estima-se um crescimento desta faixa etária nos próximos anos.

A cidade está localizada a cerca de 150 km da capital São Paulo e às margens do Rio Paraíba do Sul, dados descritos por Abreu (1985), além de ser cortada por umas das principais rodovias do país, a Rodovia Presidente Dutra (BR 116), que percorre o eixo Rio - São Paulo.

O município paulista é muito importante para o crescimento e desenvolvimento econômico do Brasil, assim como Prado (2005) descreve, e é considerado um dos grandes polos econômicos do estado de São Paulo, desde sua fundação em 1645.

Assim como na história da cidade apresentada por Abreu (1985), ela foi ponto de partida de grandes expedições bandeiristas para desbravar os sertões em busca de ouro, que determinou em 1695 a fundação da primeira a Casa de Fundação, em 1854 é classificada como uma das maiores produtoras de café do vale do Paraíba.

Além disso, a cidade se tornou pioneira com a chegada da indústria, ainda descrito por Abreu (1985), onde foi fundada a empresa têxtil Companhia Taubaté Industrial (CTI) em 1894, por muito tempo considerada um grande polo gerador de trabalhos na área industrial.

Este trabalho parte, portanto, do reconhecimento da importância histórica da cidade e o berço cultural que ela oferece, assim percorrido por Abreu (1985) e Prado (2005), levando em consideração a importância de estudos e pesquisas que abordam assuntos sobre relação dos Patrimônios Edificados com sua população, foi realizado este estudo com a cidade de Taubaté.

1.4 Relevância do Estudo / Justificativa

Partindo do pressuposto que o desenvolvimento humano ocorre por meio da construção de uma sociedade feita de cidadãos ativos e pensantes, esta pesquisa justifica-se como instrumento para contribuir para demonstrar a importância da preservação do patrimônio como auxiliador no processo de consolidação da memória de forma a contribuir decididamente para a formação da identidade individual e coletiva.

Tendo em vista que o conhecimento se faz a partir da educação, percebe-se o mérito de estudos que abordam a relação entre o homem, os Patrimônios e as cidades. É necessário analisar, por meio de autores que tratam desta temática, como ocorre essa relação, quais são as possíveis falhas nesta relação e como supostamente a troca de experiências entre gerações pode contribuir para a formação das identidades coletivas.

Este estudo pretende também atender a minha inquietação pessoal como taubateana e pesquisadora que inicialmente observou-se a ruptura existente quando tratamos do assunto, traduzida pela falta de políticas públicas e investimentos na cidade que auxiliam na transmissão cultural para os munícipes.

Tais brechas existentes nas gestões públicas resultam em uma má conduta nos cuidados com os acervos e os edifícios históricos e suas manutenções preventivas, tirando o foco e o interesse da população na preservação da cultura local.

Além disso, esta pesquisa ofereceu aos colaboradores a experiência de poder relembrar momentos marcantes da história da cidade e o compartilhamento de conhecimento com as novas gerações sobre a importância de conhecer nosso local de origem, promovendo assim a modificação de seus olhares perante a cidade em que vivem.

Por fim, este levantamento de dados servirá como material de apoio para o poder público na possível implementação de medidas de preservação dos Patrimônios e a possibilidade da promoção de ações que busquem o estreitamento dos laços entre os indivíduos e a cidade.

A promoção desses possíveis encontros entre gerações contribuiria para uma conscientização sobre a preservação do Patrimônio e da memória, contribuindo para a formação da identidade, a busca das raízes e a ligação cultural e econômica dos diversos segmentos da sociedade com a cidade onde habitam: Taubaté.

1.5 Organização da dissertação

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados Esperados e Discussão, Referências, Apêndices e Anexos.

A Introdução subdivide-se em seis subseções: Delineamento da pesquisa, Problema, Objetivos Geral, Objetivos Específicos, Delimitação do Estudo, Relevância do Estudo/Justificativa e Organização do Trabalho.

A Revisão de Literatura apresenta um panorama das pesquisas recentes sobre os conceitos de “Patrimônio e Cidade”, “Memória”, “Identidade e “Cultura” e por último de “Gerações” além de outros pontos relevantes referentes aos temas de pesquisa.

A metodologia subdivide-se em quatro subseções: População e amostra, Instrumentos de Pesquisa, Procedimentos para Coleta de Dados e Procedimentos para Análise dos Dados.

Em seguida, apresentam-se os Resultados da pesquisa, que se subdivide em: Perfil dos Participantes, tópicos sobre Patrimônio como referência de identidade e de memória, Patrimônio histórico na relação do indivíduo com a cidade e a pergunta “Preservar para que e para quem?” seguidos das Considerações Finais e das Referências. Nos Apêndices, constam os instrumentos elaborados pelo pesquisador e, nos Anexos, outros documentos que não foram elaborados pelo pesquisador.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Este presente trabalho se fundamenta teoricamente por meio da revisão narrativa de literatura que possibilita instaurar a relação com autores já conceituados que abordam os assuntos escolhidos, caracterizando temáticas comuns indicando novas concepções e firmando uma área do conhecimento, segundo Rocha (1999).

Desta forma, a revisão da literatura é composta pelos conceitos de Patrimônio e Cidade, Memória, Identidade, Cultura, Gerações e Taubaté.

2.1. Patrimônio e Cidade

No início do estudo, está apresentada a origem do conceito a partir do patrimônio histórico edificado, recorrendo-se ao no livro “Alegoria do Patrimônio”, da escritora Françoise Choay (2010) que apresenta sua visão de historiadora e define ‘monumento’ como qualquer edificação construída pelo homem dentro de uma determinada sociedade para lembrar, ou fazer lembrar novas gerações a respeito de acontecimentos e transformações sofridas pela comunidade. Desta forma, para Choay (2010), o Patrimônio Edificado tem como principal função invocar memórias, trazendo e mantendo-as para o presente. Além disto, os monumentos também acalmariam a inquietação e as incertezas existentes na comunidade sobre suas origens.

Choay (2010) reforça a ideia de que o Patrimônio é essencial e de um caráter indiscutível ao se tratar da formação das sociedades e também aborda como a atuação de normas Patrimoniais agem frente à crescente urbanização e as dificuldades enfrentadas pelas cidades.

Para melhor entendermos sobre esse conceito, devemos, em um primeiro momento, contextualizar o Patrimônio e sua importância ao longo dos anos, para compreendermos as questões e ações que o envolvem; para que no futuro consigamos individualmente ou coletivamente contribuir para as práticas patrimoniais, assim como o arqueólogo Pedro Paulo Funari e Sandra C. A. Pelegrini abordam em seu livro “Patrimônio Histórico e Cultural” (2009), obra na qual os autores descrevem ações que a sociedade deveria praticar frente a preservação do Patrimônio Cultural e também as ações necessárias dos órgãos que estão à frente das discussões do tema no Brasil, como o mais antigo deles, o IPHAN.

Ao abordarmos sobre Patrimônio nos vêm ao pensamento algo que seja particular, tudo aquilo que pertence a uma determinada pessoa ou família. Para Pelegrini e Funari (2009), o patrimônio é de origem individual e abrange tudo aquilo que temos e queremos passar para nossas gerações futuras, assim como objetos materiais, como casa, carro, etc. Esse modelo de Patrimônio descrito por Pelegrini e Funari (2009), surge na antiga sociedade romana, quando

patrimônio era considerado tudo aquilo que as pessoas possuíam, sejam moveis, imóveis, esposas, filhos e escravos, sem fazer diferenciação entre objetos e pessoas. Nesta sociedade, eram os aristocratas que possuíam Patrimônios e não as demais camadas da sociedade, uma vez que essas não detinham de bens de valor.

Assim como Choay (2010), Pelegrini e Funari (2009) observam que a origem do Patrimônio surge, então, relacionado com esse conceito individualista e patriarcal no qual o chefe de uma determinada família de posses deixava para seus filhos tudo o que possuía, desde casas, fazendas, escravos até os hábitos que determinavam a sua maneira de viver e de se relacionar com outras pessoas.

Com a difusão da Igreja Católica antes e durante a época medieval, surgiu o que muitos consideram o primeiro patrimônio coletivo: a religião. As pessoas começaram a querer preservar imagens de santos, as próprias igrejas e até mesmo os rituais, como apresentado por Pelegrini e Funari (2009). Além disso, os autores apontam que foi, nessa época, que houve o início da valorização de lugares compartilhados por uma comunidade, mas mantendo o caráter ainda aristocrático no qual a elite não somente fazia parte do clero como trabalhava para tentava controlar o papel da Igreja na sociedade, visando preservar e aumentar seu poder e cada vez mais ganhar mais poder através da dominação de seus fiéis.

Com a chegada do período moderno e ascensão de uma visão mais antropocêntrica do mundo, mentalidade representada pelos chamados humanistas, homens que lutaram para preservar a vida contra o domínio da igreja e do teocentrismo, através de batalhas políticas e intelectuais tendo como inspiração leituras e objetos da Antiguidade grega e romana, também a ideia de patrimônio torna-se mais vinculada às concepções antropocêntricas. Como contado por Pelegrini e Funari (2009) estes pensadores condenavam tudo aquilo que parecia marcar a chamada Idade Média popularizando o termo de Idade das Travas para referir-se ao período, uma vez que este seria um período de obscurantismo situado entre a Antiguidade tomada como modelo filosófico e o Renascimento, a retomada do racionalismo filosófico.

Ainda descrito por Pelegrini e Funari (2009), os humanistas iniciaram uma catalogação e estudo de tudo que era da Antiguidade e que ainda se encontravam preservados, como prédios, moedas, roupas, objetos. Não ficaram presos nas grandes cidades como Roma, buscaram até mesmo em pequenos vilarejos, originando-se assim o termo de colecionadores de antiguidades e mantendo ainda o caráter aristocrático, onde todos os bens eram privados.

A Revolução Francesa trouxe-se consigo uma nova concepção de sociedade, de igualdade e o conceito de cidadania. Assim descrito por Pelegrini e Funari (2009), o novo

Estado precisava criar a ideia de nação, um novo espírito comum para seus novos cidadãos, criar maneiras para conseguir uma comunicação única, meios para compartilharem dos mesmos costumes e tradições em busca de uma homogeneidade que se justifica a própria existência do Estado-Nação.

Os franceses, por exemplo, foram forçados aos poucos aprenderem a língua francesa nas escolas, língua está até então apenas conhecida e falada pela elite, e assim passaram a ser ensinados a compartilhar que sua origem era também a mesma que aquelas dos monarcas. “O Estado nacional surgiu, portanto, a partir da invenção de um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua e uma cultura, uma origem e um território.” (PELEGRINE E FUNARI, 2009, p. 16)

No Estado nacional, como explicado por Pelegrini e Funari (2009) ocorria o que muitos estudiosos chamaram mais tarde de doutrinação interior, onde por meio das escolas ensinavam aos jovens desde cedo a ideia de pertencimento e nação, sentimentos esses que davam base para o entendimento e ideia particular e diferenciada de mundo face às outras nacionalidades em formação.

Assim que começaram a criar cidadãos, porém, as novas elites nacionais precisavam unificar essa cultura e origem por meio de algo. É neste ponto que Pelegrini e Funari (2009) dizem que o sentido do Patrimônio começa a tomar outro rumo. “Assim começa a surgir o conceito de patrimônio que conhecemos hoje, não mais no âmbito privado ou religioso das tradições antigas e medievais, mas de todo um povo, como uma única língua, origem e território.” (PELEGRINE E FUNARI, 2009, p. 17).

Choay (2010) apresenta em seu livro “O Patrimônio em Questão” os primeiros termos utilizados para os edifícios históricos. Inicialmente teria surgido a palavra Monumento para defini-los, definindo os Monumentos como objetos que tem o poder identificatório, ou seja, através de sua volumetria e materialidade conseguiriam firmar a continuidade de uma sociedade humana em um lugar e, portanto, em uma cultura. “Entendido como um dispositivo memorial ‘intencional’, o monumento demanda um vigilante e permanente diálogo.” (CHOAY, 2010, p. 12).

Os monumentos históricos podem trazer momentos marcantes que outras civilizações viveram, por meio deles transmitir seus modos de vida, portanto são edificações que expõem parte da história das sociedades. “[...] não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente, contribuir para manter e preservar a

identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar”. (CHOAY, 2010, p. 17 a 18)

Há uma diferença, porém, entre Monumento, percebido como algo intencionalmente colocado para fundar uma sociedade, e a concepção que norteia dos Monumentos Históricos que são escolhidos dentro de uma malha urbana por seu valor histórico ou estético, uma vez que este tem como função ser uma construção intelectual. O valor cognitivo dos Monumentos Históricos para Choay (2010), são educativos e a partir deles podem gerar múltiplos saberes e conhecimentos. Eles são defensores de valores e saberes de cada sociedade. “Eles permitem assim construir uma multiplicidade de histórias, de políticas, de costumes, de arte, de técnicas e servem, simultaneamente, para a investigação intelectual e para a formação das profissões e ofícios”. (CHOAY 2010, p. 120).

Para Choay (2010) os monumentos também possuem o empregam um ensinamento geral de civismo, ou seja, a população possui a partir deles memórias históricas que irá ser uma representação de uma memória viva, desde que haja um sentimento de orgulho nacional perante ao fato histórico representado.

Le Goff (1990) em seu livro “História e memória” descreve desde os primórdios a importância da escrita e dos monumentos como uma maneira de memória coletiva. Assim como no Egito antigo onde foi perpetuada grandes conquistas e fatos importantes por meio das construções e suas descrições, permitindo o entendimento da civilização egípcia até os dias atuais. Logo, as grandes civilizações foram marcadas pela escrita como maneira de passar para suas gerações futuras seu modo de viver em sociedade.

Choay (2010) também traz em seu livro a relação do Patrimônio com a cidade, não podendo pensá-los como dois itens separados, pelo contrário juntos formam as cidades e contam as histórias de seu povo, de modo que os elementos materiais e imateriais que constituem o Patrimônio são agentes que devem interagir com o arredor.

Em seu livro “Por amor as cidades” também Le Goff (1998) nos mostra a importância da cidade e como nela existe uma troca de experiências e acontecimentos marcantes, e como com o passar dos anos e séculos ela vai se adaptando com o que já existia, dando aos edifícios históricos da antiguidade outros usos e significados, sem deixar apagar sua existência como parte do cotidiano.

Le Goff (1998) também aborda assuntos como organização urbana, política e econômica das cidades sempre comparando nossas cidades atuais com as medievais. Discute também como nossa atualidade não se encontra distante das antigas realidades, também compara os edifícios

arquitetônicos antigos com os atuais, como, por exemplo, as edificações verticais. Assim, Le Goff (1998) nos mostra que a história tem forte influência na formação de nossas cidades, comunidades e como devemos trata-las ao longo de suas modificações, podendo o conhecimento sobre as transformações do sítio auxiliar na construção ou reformulação das mesmas.

Já Freire (1997), em seu livro “Além dos mapas”, considerando a falta de interação entre o presente e o passado, descreve estas modificações de uma forma diferente, chamando-as de ações monstruosas, uma vez que estas chegam ao ponto de não manterem os suportes de memórias em pé. A autora retrata todas estas questões sobre os monumentos existentes na cidade de São Paulo a partir da sua própria percepção sobre os monumentos e museus, sua relação com os lugares, sua memória e também com o auxílio das entrevistas realizadas com os moradores da cidade. É através desta perspectiva que podemos transpor os processos de mudança das cidades para elaborarmos uma comparação com outros lugares, inclusive Taubaté. Pois a cidade contém em seus prédios históricos sua história, sendo um grande acervo vivo, ao mesmo tempo em que vive um rápido e destrutivo processo de transformação urbana baseado em uma ideologia desenvolvimentista que ameaça trazer consigo o apagamento do passado, principalmente após a década de 70 do século passado. Portanto se a autora realizou em seu livro um mapeamento buscando entender a relação do homem com o local em que vivem, é evidente que a mesma dinâmica seja aplicada em Taubaté para uma interpretação dos processos de mudança urbana frente à necessidade de preservação do Patrimônio Cultural local. Isso porque, ainda segundo Freire (1997), o Patrimônio Edificado na colocação de Freire (1997), tem um papel de materialidade no espaço, possuindo um valor simbólico, histórico, temporal, incluindo mesmo as técnicas e materiais como se fossem a representação do tempo dentro do espaço. "Como objeto arquitetônico, representa um marco na cidade, projeta no espaço uma determinada concepção de tempo." (FREIRE 1997, p. 118)

Quando se compreende como parte do ato de ser cidadão a consciência de que o lugar, o modo e o meio em que se vive pode ser alterado, assim, para Lefebvre, (2001) a cidade é formada por seus conjuntos de pessoas que se relacionam entre si e com as instituições que existem dentro da sociedade de maneira a interferir diretamente na formação da cidade. Assim, se uma sociedade muda a cidade também mudará. Por outro lado, Essas comunidades e seus habitantes agem também de maneira a defender a cidade e suas referências culturais, traduzidas na pertinência ao tempo e ao espaço, com amor, pois é ela que os serve como campo desses relacionamentos importantes, dando assim a sensação de pertencimento e elo emocional.

Desta forma, os edifícios arquitetônicos não estão ali na cidade apenas para ocupar o espaço, mas constrói novas perspectivas e olhares para si mesmo, tornando-se referência naquele local, transpassando os limites da cidade "[...] impor uma outra forma de ver a cidade e uma nova forma de construí-la." (FREIRE 1997, p. 118).

Percebemos, portanto, como apresentado por Pelegrini e Funari (2009) como o conceito de Patrimônio modificou-se ao longo dos séculos, mostrando a importância da relação em comunidade. As pessoas precisam se relacionar umas com as outras, seja por interesses particulares, por religião, ou até mesmo por questões étnicas, ou seja, como seres vivos, o homem precisa de relacionamentos não somente entre si, mas com o espaço e a temporalidade, criando assim vínculos com o lugar e a comunidade onde habitam

Portanto, a cidade, para Lefebvre (2001), pode ser associada a uma obra de arte, pois ela não se constitui sozinha. Ela na verdade existe através das relações sociais das pessoas que nela habitam, se as pessoas priorizam e criam a história, ela terá seu valor histórico, ela produz e reproduz os laços de pertencimento dos seres humanos. "A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história [...]" (LEFEBVRE 2001, p. 52).

Para Freire (1997) os seres humanos também são feitos de memória individual e coletiva e elas só se constroem a partir do tempo e da visão, o ato de enxergar, se afetar e memorizar uma imagem coadunados com o repertório da pessoa que vê. É a partir deste contexto que surgiriam o que chamamos as representações sociais.

O ato de andar pela cidade para Freire (1997) é algo extremamente importante, uma vez que é a partir da movimentação do corpo dentro do espaço que se criam possibilidades de assimilações e associações. Seria como se o imaginário, a memória se atualizasse no simples ato de andar no espaço urbano. "Os monumentos estão no espaço público, não é possível pensá-los em suspensão, num espaço abstrato, descaracterizado." (FREIRE 1997, p. 122).

Assim podemos compreender como, para Motta (2020), existe o conceito de cidade-documento que serve para significar a necessidade de termos a consciência de olharmos e observarmos a cidade como um Patrimônio, com exemplares de edifícios que não se assemelham, mas que contam sua evolução e que fazem parte da história da comunidade, diferente dos padrões comuns tradicionalmente estabelecidos inicialmente pelo Iphan em seus primeiros anos de existência fortemente influenciada pelo movimento modernista, que considerava apenas a estética do barroco colonial. Nos informa, portanto que a cidade-documento como "conceito tem como princípio a leitura da cidade nos seus diversos aspectos

morfológicos, como resultado de uma construção social que contemplou diferentes possibilidades de ocupação dos espaços, interesses e forças em disputa”. (MOTTA 2020, p. 11).

Freire (1997) traz em seu livro que, os conteúdos e cenários urbanos se tornaram banais, porém o ato de andar e se envolver com a cidade, conhecendo e entendendo os cenários urbanos, acabam invocando conteúdos e simbologias marcantes para os seres humanos, além permitir a percepção da significância destes espaços, permitindo a apreensão e promovendo a valorização do local. A retirada de marcos do tecido urbano acaba fragmentando todo esse contexto criado dentro da malha urbana, não possibilitando a constituições de identidades.

O andar pela cidade é princípio indispensável para que se estabeleça com os monumentos uma relação. É preciso, inicialmente, observá-los com atenção para vê-los, e esse encontro pode ter muitas nuances. Se não passarem totalmente despercebidos, se a velocidade do deslocamento não for muito acelerada, podem até despertar lembranças, reavivar emoções e desencadear narrativas. (FREIRE 1997, p. 124)

Os edifícios históricos para Freire (1997), são como marcos do tempo dentro das cidades, são como guardiões na memória coletiva. Além disso, de que, é através da descontinuidade aparente do convívio entre representações de diversos tempos materializados no espaço urbano, que parecem representar superficialmente uma da ruptura da imagem urbana é que o tempo, representado como passado, presente e futuro; tempo percebido, portanto como continuidade consegue ser representado como materialidade. Esses edifícios históricos são os primeiros que surgiram dentro da malha urbana, ou seja, são lugares que sintetizaram diferentes tempos no mesmo local. E, por sua vez, não se modificaram junto com a cidade, mas permaneceram através das mutações de seu entorno.

Por esta razão, Grupos de arquitetos contemporâneos estão votando seus olhares, como diz Freire (1997), para a malha urbana e seus locais históricos, para que a população não perca seus lugares simbólicos, originários e portadores de múltiplos sentidos, tentando integra-los como parte dos espaços vividos no cotidiano do trabalho, moradia, lazer, etc.

No entanto, as cidades contemporâneas, para Freire (1997), possuem um grande desequilíbrio, que é a velocidade, que acaba interferindo no caminhar e observar a cidade. A velocidade que a tecnologia trouxe faz com que os espaços se tornem insignificantes e tenham apenas objetivos, como espaço de trânsito, espaço de lazer, de trabalho, se tornando frios. "Nesta medida, os avanços da informática são exemplares, pois revolucionam não apenas as formas de trabalho, mas também as formas de circulação na cidade." (FREIRE 1997, p. 125).

Por conta desta rotina frenética Freire (1997) apresentou sua inquietação a partir de suas vivências dentro dos museus de São Paulo como um exemplo simples sobre a velocidade do mundo atual, onde observou a rápida permanência das pessoas e o tempo mínimo perdido por elas para ler a descrição das obras e observa-las. Desta forma muitos artistas começaram a utilizar os espaços públicos para expor suas artes, para incorporá-la ao cotidiano dos indivíduos dentro da cidade.

Para Freire (1997), o ensino da arte também abrange entender os Patrimônios Edificados, já que são monumentos históricos. Com a crescente alteração do cenário dentro dos museus e por tanto a crescente busca de artistas por espaços urbanos, muitos estudiosos veem a cidade como uma extensão dos museus.

Por muito anos, vários estudiosos buscaram compreender a formação das cidades e a relação de seu povo com os espaços abertos, lugares estes utilizados para fins como debates e lazer. Logo Freire (1997) traz essa relação dos monumentos com a cidade. “Afinal, os monumentos são um dos suportes mais nítidos e socialmente compartilhado da memória coletiva.” (FREIRE, 1997, p. 45)

Em seu livro, Freire (1997) trata da preservação destes monumentos como suportes da memória e relata a dificuldade em mantê-los. Para ela não está ligado a questão de compreender o valor que os Patrimônios possuem e sua contribuição cultural e sim está relacionado com a excessiva aceleração da sociedade contemporânea e sua tecnologia, ao ponto de não permitir recorrer a memória, assim descrito:

A aceleração do passo sugere não apenas a impossibilidade de olhar, de contemplar, mas supõe dificuldades de evocação, comprometendo as dinâmicas da memória, que necessitam, invariavelmente, de tempo para se desprender desse cotidiano apressado. A aceleração é, aqui, sinônimo de destruição, ou pelo menos de uma outra forma de olhar, com a qual ainda não nos acostumamos totalmente. (FREIRE, 1997, p. 47)

Com o avanço da globalização, um dos problemas para as representações sociais e o cultivo da memória, como explica Motta (2020), demonstrava-se então a urgência da preservação dos edifícios. O poder público começou a tomar a frente dos cuidados com o patrimônio cultural não só aquele que representava uma narrativa construída pelas elites, como aquele que representava os diversos segmentos e grupos da população.

O uso desse patrimônio era considerado como núcleo de uma cultura brasileira autônoma, com características próprias e capazes de se opor a massificação do

desenvolvimento e dos meios de comunicação numa clara preocupação com a identidade cultural brasileira frente a globalização. (MOTTA 2020, p. 6)

É bem interessante a colocação destes autores a respeito da relação do Patrimônio com a cidade e seus indivíduos. As cidades e os seres vivos coexistem, portanto o local em que se habita é tão importante e é inclusive determinante para o estabelecimento de políticas públicas que se sustentem e tenham continuidade no futuro quanto o bem-estar, a moradia, a saúde, uma vez que e o patrimônio está presente no espaço habitado, contribuindo com a formação identitária, intelectual e desenvolvimento humano, deixando claro que o contemporâneo pode estar junto com o histórico e será, ele mesmo o histórico, do futuro. Deste modo, eles juntos, passado e presente moldam a cidade de uma maneira interativa e inteligente, contribuindo como uma cidade-documento que se projeta no futuro.

Devemos encarar, portanto, os edifícios históricos não como um marco da velhice, ou algo ultrapassado, eles auxiliam na relação ente as pessoas da comunidade e sua continuidade, os edifícios ajudam os indivíduos a se unirem, auxiliam na formação cultural do futuro.

2.2. Memória

Quando falamos sobre Patrimônio cultural material, podemos dizer que se trata de um conjunto de manifestações representativas de uma determinada comunidade, assim como, descrito por Choay (2010) e Freire (1997) e, junto com ele, há o reviver de memórias que contribuem para a formação de um sentido para a identidade de uma população com sua origem, seu presente e sua esperança de continuidade.

Logo, o conceito de memória é importante para entendermos a relação das referências culturais que formam o patrimônio cultural com a comunidade, pois: “As memórias constituem a nossa capacidade de perceber e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. Elas são essenciais a um grupo porque estão atreladas à construção de sua identidade”. (IPHAN, 2013, p. 7).

No livro “Memoria e Sociedade”, Bosi (1994) reflete sobre a contribuição de alguns estudiosos sobre o tema da memória coletiva, evidenciando, assim, a importância dela para a formação da sociedade. O autor traz para o debate a teoria de Bergson, na qual é descrito que as lembranças são construídas a partir de da nossa percepção sobre nossas ações, sejam do passado ou do presente, buscando compreendê-las de forma sensível para que sejam interiorizadas de modo a se conservarem no inconsciente.

Bosi (1994) também apresenta um dos grandes estudiosos, Halbwachs (1990), que, em seu livro “A memória coletiva”, discorre sobre a natureza da memória. Para o autor, por

exemplo, quando uma determinada pessoa conhece lugares novos e expõe suas experiências através de uma narrativa para outras pessoas, elas acabam adquirindo o ponto de vista daquele que realmente participou do evento, podendo ser até considerado como uma memória coletiva, pois, nem sempre, são acontecimentos que envolvem várias pessoas.

Outro conceito abordado por Halbwachs (1990) diz respeito à premissa de que uma memória pode ser construída por várias testemunhas, pois, muitas vezes, a pessoa que a detém nem recorda ao certo o que realmente aconteceu; porém conserva lembranças dos fatos narrados por outras testemunhas e suas opiniões, criando, no momento em que é detentor de uma memória compartilhada, um vínculo com um determinado grupo e se tornando parte dele, como ser social.

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, podem descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nós lembrássemos de tudo aquilo. (HALBAWAHS, 1990, p.27)

Neste mesmo sentido, Freire (1997) diz que a memória se constrói por meio do sentimento, do afeto e que a relação dela com os edifícios monumentais é importante, elucidando, que por mais que os edifícios sejam lugares de memórias, eles, na verdade, reafirmam uma memória que nada mais é, nesse contexto, que uma construção, podendo ser reelaborada a qualquer momento a partir das experiências vividas.

Na realidade, para Candau (2011), as pessoas se juntam, vinculam-se para criarem uma memória que se torne única para todos, além de se organizarem e se fortalecerem por meio dela, porque é mais fácil uma comunidade se constituir a partir de uma memória forte e vigorosa do que de memória uma fraca e sem consistência.

[...] ao passo que é fácil se fazer esquecer em uma grande cidade, os habitantes de uma aldeia não cessam de se observarem, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo que pode alcançar dos fatos e gestos de cada um deles, porque eles agem sobre essa pequena comunidade e contribuem para modificá-la. (HALBWACHS 1950 APUD CANDAU 2011, p. 45).

As pessoas, na maior parte do tempo, mesmo nas cidades são movidas por interações em comunidades, o ser humano é influenciado pela coletividade, logo, não existe apenas os Patrimônios individuais, nos moldes pré-modernos, mas também os coletivos, como discutido por Pelegrini e Funari (2009), onde um grupo de pessoas que estão em constante mudança compartilham interesses e até mesmo conflitos.

Freire (1961) explica que, nessa posição, a memória não tem o poder de resgatar algo do passado, ela, na verdade, está no presente, respondendo e elucidando questões do presente. A memória não é como a história, ela é uma construção social que precisa de processos de representações, "é filha do presente, mas como seu objeto é a mudança, se faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto." (MENESES 1992 APUD FREIRE 1961, p. 127)

Choay (2010) apresenta então, o ideal de Ruskin, que acredita que os monumentos só podem chegar à escala universal se a população criar laços afetivos, esse seria o ponto de partida, dar significado para a população em geral, não apenas para o grupo a que pertence aquele monumento, pois aos olhos dos demais eles serão apenas edifícios antigos, sem significados. Ruskin acredita que é apenas através da arquitetura que podemos manter laços com o passado e na qual se criam as identidades, ele acredita que a memória da arquitetura depende também do interesse das gerações futuras e que, portanto, esse laço deverá ser afetivo.

A memória está ligada as interações sociais, ou seja, é por intermédio da relação entre família, amigos e a cidade que as pessoas conseguem iniciar a noção de pertencimento, pois a memória não é apenas algo psíquico. Sobre isso, Candau (2011) afirma que, nas sociedades cujas pessoas interagem entre si, que possuem uma relação densa e profunda, há a constituição de uma memória coletiva forte ao contrário do que ocorre em grandes cidades que são vazias de relações. O autor enfatiza ainda, que é difícil promover a transposição disso para uma escala maior, pois, de acordo com Halbwachs "[...] por ocasião dos contatos cotidianos que temos uns com os outros, nos observamos mais longamente e sobre todos os aspectos." (HALBWACHS 1950, p. 163).

Nesse sentido, Freire (1997) diz que o material que nos rodeia, como os objetos, as ruas, os quarteirões, as casas e os monumentos, são partes da construção da memória e é a partir dela que as pessoas se tornam unidas, que alimentam as tradições e por consequência forma e reforçam a memória coletiva." O passado, que se faz presente através dos objetos, possibilita que nós reconhecemos neles, faz com que encontremos uma proximidade com as gerações anteriores nessa linha de transmissão dos conteúdos coletivos. " (FREIRE 1961, p. 129).

Candau (2011) reforça a fala de Freire (1961) afirmando que é a partir da escuta compartilhada e a observação dos mesmos objetos sejam eles em sua maioria cultural e que possui uma homogeneização de representações do passado, que permite esse processo de construção da memória coletiva, seja ela em pequena ou grande escala.

Em seu livro Le Goff (1990) também traz estudos sobre a memória social na contemporaneidade. Ele, assim como Halbwachs (1990), descreve que nos dias atuais a sociedade está carente de memórias coletivas e alerta que a modernização trouxe para a comunidade a falta da busca sobre a verdadeira origem da História.

Autores como Le Goff (1990) e Halbwachs (1990) definem que na atualidade a História é descrita de duas maneiras, baseando em fatos já escritos por historiadores e as memórias contadas de geração para geração. Para Bosi (1994), a comunidade sempre contém uma parcela da população que auxilia como testemunha dos acontecimentos históricos e que através de seus relatos contribuem para a formação e continuidade da memória social, seriam eles os idosos.

Nora (1993) também afirma que para muitos, a memória e história são coisas distintas, a primeira está ligada à vida e a grupos de pessoas, está apta ao esquecimento e a manipulação, já a história serve para contar algo que já aconteceu e não existe mais.

Contudo, para Nora (1993) ocorre uma fusão entre os dois conceitos, visto que a memória nada é sem a história, já que é por meio da historicidade que se manifesta a memória individual e coletiva.

Para Nora (1993), a revolução da comunicação trouxe consigo a diluição da relação da comunidade com o passado, enaltecendo a importância da atualidade e diminuindo o valor de acontecimentos antigos, abrindo lacunas na relação do passado com a formação da identidade coletiva e individual.

Diante disso entende-se que a memória é um suporte para a formação da identidade, de modo que atualmente, mais que anteriormente, podemos dizer que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. (LE GOFF, 1990, p. 477)

No entanto, se como vimos, a memória compartilhada não é necessariamente correspondente à história vivida, abre-se um importante espaço para a invenção de tradições, de identidades abstratas construídas apenas na interpretação do presente e na criação de passados supostamente comuns a partir de intérpretes legitimados e motivados por questões conjunturais do presente.

2.3. Identidade

Assim como referenciado anteriormente, por alguns escritores da área da História e dos estudos sobre memória, mostra-se a importância e a relação deles com a formação da identidade das comunidades, seja em pequena ou grande escala.

No livro “A crise das identidades”, Dubar (2006) afirma que a identidade é construída de duas maneiras, em que uma é feita de elementos que tornam a pessoa única e diferente com sua essência e a outra é a conjunção de fatos que a liga a um determinado grupo social que possuiria os mesmos interesses, considerando que a identidade é afetada pelo modo e contexto de vida de cada indivíduo e cada grupo.

É o resultado duma dupla operação linguística: diferenciação e generalização. A primeira visa definir a diferença, aquilo que faz a singularidade de alguém ou de alguma coisa em relação a uma outra coisa ou a outro alguém: a identidade é a diferença. A segunda é aquela que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes dum outro mesmo: a identidade é pertença comum. Estas duas operações estão na origem do paradoxo da identidade: aquilo que existe de único e aquilo que é partilhado. (DUBAR, 2006, p. 9)

Dubar (2006) aborda, ainda, em seu livro, sobre os vários meios sociais que formam e transformam a identidade de cada indivíduo, possuindo a identidade familiar, aquela à qual dá origem as pessoas, como o nome, e é considerada a primeira interação social do indivíduo.

Segundo Cunha (2018), há também a identidade imposta pelo Estado responsável pela identificação dos indivíduos por meio de números, como o RG e o CPF, além da biológica que deriva do DNA.

Ainda sobre identidade, Dubar (2006) discorre sobre a identidade profissional e a identidade formada por símbolos. Esta pode ser representada por símbolos como a religião e a política nas quais as pessoas compartilham interesses e recebem influências e aquela na qual os indivíduos procuram o bem-estar financeiro.

E, por fim, Cunha (2018) nos elucida sobre uma das mais importantes identidades, a étnica, ou seja, aquela relacionada à etnia e que proporciona ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo, como por exemplo o grupo indígena. Diante do exposto, pode-se afirmar que a formação da identidade seja individual ou coletiva pode ser influenciada pelas manifestações econômicas, políticas e raciais que interferem diretamente nas relações sociais.

Para Bauman (2005), em seu livro “Identidade”, ela está relacionada à modernidade e surge com o sentimento de pertencimento, pois as pessoas acreditam que sua identidade está ligada diretamente com a comunidade que fazem parte, pois são estas que impoem ao

indivíduo uma narrativa sobre quem são e como devem agir sendo, porém, na verdade, apenas parte da construção social.

Podemos aqui abrir o assunto que também faz parte da formação da identidade dentro das cidades, o que é ser cidadão dentro da malha urbana e principalmente dentro da sociedade, onde novas gerações também se farão presentes. Desta forma, compreender o poder da cidadania interage também com a ideia de preservação do patrimônio. “A cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância”. (SANTOS, 2007 p. 19)

Como descrito por Santos (2007), ser cidadão é um ato de aprendizado desde o início da vida e é por este motivo que ela se torna algo implantado dentro de cada pessoa e faz parte da sua cultura. Junto dela vem o sentimento de liberdade, por isso muitos dizem que a liberdade é conquistada. Porém toda essa formação do cidadão e sua liberdade é confrontada com o cotidiano, limites e problemáticas sociais, políticas e jurídicas.

Quando falamos de cidadania, o ponto principal a deixar claro é que no momento em que as pessoas adquirem a consciência do que é ser cidadão, isso significa conquistas de direitos políticos para sua vida individual que mais a frente é entendida como direitos coletivos, pois todos participam do mesmo grupo, o pertencente de uma nacionalidade. No ponto em que se compreende esses dois direitos, se entende o terceiro e mais importante o direito de ter uma moradia digna, educação, saúde e acesso à cultura, como descreve em seu texto Santos (2007).

Ou seja, para que a cidadania se mantenha firme para as próximas gerações assegurando todos os seus direitos, ela deve estar dentro das leis e tenha o apoio institucional, para que, caso os cidadãos sofram com a falta de seus direitos, tenham onde reclamar e onde solucionar tais problemas. “A dialética da vida social leva em conta o movimento desses fatores: o dado institucional, o dado econômico, o dado cultural e o dado individual interdependem e interagem”. (SANTOS, 2007 p. 20)

Giddens (2002) um dos principais filósofos da área social em seu livro “Modernidade e Identidade” analisa a interação entre esses dois conceitos, realçando o surgimento de autoidentidades construídas pela modernidade.

Segundo Giddens (2002), a modernização transforma as relações sociais em uma grande desordem, onde grandes instituições levam a mudança de hábitos e interfere nos costumes tradicionais de algumas comunidades, alcançando até uma influência global. “[...] a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência”. (GIDDENS, 2002, p.9)

A modernidade traz com ela o avanço da tecnologia e, principalmente, uma nova forma de comunicação por meio de grandes mídias, através das quais, para Giddens (2002) os acontecimentos distantes podem interferir no agora e principalmente no indivíduo e com elas há o impacto nas relações sociais.

Essas modificações sociais gera uma generalização de pensamentos, atitudes e maneiras de viver, logo para Giddens (2002) essa influência da modernidade acarreta na procura da autoidentidade, a busca do verdadeiro “eu”.

A tecnologia afeta a vivência de cada indivíduo na sociedade, ao ponto de fornecer várias opções de escolhas para conduzir o modo de vida, Giddens (2002) deduz que o modo de vida nada mais é que um conjunto de escolhas.

Portando para Giddens (2002) a formação da autoidentidade está ligada com as escolhas realizadas por cada pessoa. Porém por mais que a modernidade juntamente com a tecnologia trouxe uma vasta opção de escolhas, cada um é influenciado pelo contexto em que vive.

Logo, influenciadas pelo meio em que vivem as pessoas são forçadas a fazerem escolhas. Para as classes mais privilegiadas, elas são boas, pois vivem em um contexto totalmente diferente dos menos desfavorecidos, estes por sua vez possuem escolhas mínimas e são levados pelas circunstâncias em que vivem, acabam conhecendo a vida nas ruas, por exemplo. Portanto a modernidade trouxe consigo a desigualdade social, assim descrito por Giddens (2002).

Agier (2001) também traz sobre a influência da tecnologia em relação a identidade, onde a rápida circulação de informações por meio de textos e imagens que abordam assuntos com ideologias pré-definidas sucede na dissolução dos lugares e suas manifestações culturais que contribuem para a formação da identidade.

Do mesmo modo como citado por Dubar (2006) e Bauman (2005), Agier (2001) traz em seu artigo “Distúrbios Identitários em tempos de globalização” sobre as várias interferências que os indivíduos sofrem no processo de formação de suas identidades. Isso acontece a partir do olhar do outro, logo a cidade, os meios urbanos, a relação com o outro é importante para a formação ou busca da identidade.

A cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares. Na cidade, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre identidades, e na teoria, a dimensão relacional da identidade. (AGIER, 2001, p. 9)

Logo, para Agier (2001) esses contextos de encontro de formações identitárias acaba transformando os referenciais originais, os quais podem atingir áreas como o modo em que se vive, o modo como se comunica, a educação e até mesmo a cultura, tudo aquilo que o indivíduo precisa para se encontrar e se orientar na sociedade.

Assim, nos dias atuais está ocorrendo a busca de suas raízes, como refletido anteriormente por Giddens (2002), a busca da verdadeira identidade após esta severa transformação das relações sociais. Deste modo Agier (2001) fala sobre a relação da identidade com a cultura, onde as culturas antigas e preservadas podem auxiliar nesta volta a origem.

2.4. Cultura

Existem várias maneiras de se compreender a cultura e uma delas é por meio dos Edifícios Históricos que têm como função a transmissão cultural. E é por intermédio desses edifícios que a formação da cultura dentro da sociedade é vista e formulada como identidade.

Para Agier (2001), o caminho entre cultura e identidade não é fácil de se trilhar e de se entender, já que se trata das relações sociais e do contexto, sendo algo totalmente social, portanto, complexo. “Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso”. (BOSI, 1992, p. 309)

O Patrimônio Cultural Edificado, por sua vez está estritamente ligado com as manifestações culturais, já que a cultura é tudo aquilo que abrange aspectos materiais e imateriais dentro de uma sociedade “na maior parte das vezes, esse termo se presta a caracterizar formas de comportamento humano, as quais podem dizer respeito à identidade, aos costumes, às memórias e aos valores a serem preservados na sociedade”. (SILVA, 2010, p. 106)

Assim como a saúde e a educação são pontos fundamentais no desenvolvimento humano, a cultura se mostra um instrumento emancipador, pois através dela pode-se entender, compreender e modificar a sociedade, “[...] compreende-se a dupla configuração da cultura como dever e como direito constitucional”. (SILVA, 2010, p. 107)

A cultura abrange todos os aspectos da vida social, liga-se com o modo de vida e a relação com a herança de cada indivíduo, além de ser transformadora dentro da sociedade, “além de se poder interligar cultura, políticas sociais e valores, a cultura também interage em prol da integração social, para abrir canais para reforçar o capital educativo das populações pobres”. (KLIKSBERG, 2002, p. 487, 488 apud SILVA, 2010, p. 107).

Bosi (1992) em seu livro “Dialética da colonização” discute o termo da cultura, onde pode ser dividida em três partes, a cultura erudita aquela aprendida dentro das universidades, que traz conhecimentos de grandes pensadores e filósofos, sendo utilizada pela classe média alta.

Possui também a cultura de massas, assim como descrito por Bosi (1992) origina-se através de programas de TV, internet, revistas, rádios, que transpassam notícias sobre a política, a economia, a segurança e várias outras informações, além de entretenimento. É a cultura considerada por estudiosos que consegue manipular quem a utiliza, para outros ela apenas mostra a realidade em que vivem, de qualquer forma ela atinge mais a classe média.

Em países subdesenvolvidos existem várias classes sociais e tem aqueles que nem mesmo são considerados cidadãos. E como pessoas livres são tratadas de maneiras diferentes dependendo de onde e como vivem?

No Brasil o fluxo de pessoas que saíram da zona rural e foram para áreas urbanas auxiliou na expansão do consumo imediato, o crescimento econômico, a explosão midiática, a deterioração de escolas, o surgimento da cultura de massas e consigo a alienação. “Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário”. (SANTOS, 2007 p. 25)

É neste ponto no qual, por meio da tecnologia, surge a cultura de massas. Para Choay (2011), o Patrimônio Histórico se transforma, neste momento os bens patrimoniais são objetos atrativos, que são desejados prontos para serem consumidos, voltados para a indústria cultural.

Essa cruzada pelo consumo mercantil do patrimônio não é somente prejudicial aos visitantes, enganados quanto a natureza do bem a ser consumido e ao mesmo tempo colocados nas condições de amontoamento e de ruído impróprios a qualquer deleite intelectual ou estético. Ela conduz muito frequentemente também à destruição dos sítios classificados, tanto pela elevação de necessárias estruturas de acolhimento (hotelarias e outras), quanto pela eliminação de atividades criativas ligadas à cultura local e à sua identidade. (CHOAY 2011, p. 37).

E por fim, a cultura popular, que é oriunda do folclore, da maneira como se fala e trabalha, até da religião, pode-se dizer que é a cultura regida por símbolos e significados, para Bosi (1992) é aquela derivada da classe mais pobres da sociedade, não compreendida pelos universitários que os veem como pessoas que não detêm de educação, porém são simplesmente a parcela da população que não possuem acesso a informações e conhecimento e vivem com o acreditar.

Para Montero (2003), a cultura é estudada e discutida por muitos anos entre os antropólogos, que se voltavam para a cultura popular, aquela que deveria ser preservada, como

uma tradição. Porém por conta da grande transformação urbana, acredita-se que a verdadeira cultura deveria ser mantida firme e resistente, para não ser esquecida.

Também para Cunha (2009), no livro “Cultura com aspas” ao refletir a respeito da cultura dita por Bosi (1992) como a popular, a autora descreve como uma organização de diferentes grupos onde é passado e transmitido por ancestrais os costumes, as danças, os instrumentos, o modo de viver.

Cunha (2009) traz que a população simples é aquela que detém da verdadeira cultura, mas que não sabem que a tem, para eles os costumes foram passados por seus ancestrais e ao descobrirem que possuem uma manifestação cultural são expostos para realizar performances midiáticas.

Outro fato apontado por Cunha (1987) é fortificação da desigualdade entre essas classes, já que a cultura popular estava inserida em uma comunidade que os viam como algo diferente, impondo como eles deveriam ser, classificando-os se eram realmente merecedores da cultura, ou não.

Porém com a inserção dessas comunidades culturais populares na sociedade nacional, seus indivíduos começaram a entender a si próprio, ou seja, começaram a ter consciência de seu próprio poder cultural e a utilizá-lo de modo a trazer benefícios econômicos, assim apresentado por Montero (2003).

Essas diferentes maneiras de acessar e formar a cultura podem estar ligadas entre si, ainda para Bosi (1992) a cultura erudita e a de massas por mais que parecem ser distintas auxiliam-se uma à outra. Pois quem detém da cultura erudita, os pesquisadores e estudiosos, criam maneiras e objetos para melhorar a qualidade de vida da população, assim a classe média usufrui e compra tais melhorias e tecnologias.

Com a chegada da modernidade, por conta do avanço da comunicação, quase não possui mais manifestações culturais populares, pois a tecnologia da comunicação também já chegou até esta parcela da população, sendo totalmente influenciados, assim como descreve Bosi (1992). Além de serem totalmente exploradas pela mídia, que transforma a vida simples das pessoas em grandes matérias.

Essa preocupação é também apontada por Monteiro (2003), estudiosos indicam que essa situação deriva justamente da grande expansão urbana, o fluxo de pessoas que saíram da área rural para as grandes cidades, a era industrial foi início, “o crescimento das cidades levantava o temor de que formas tradicionais de expressão cultural desaparecessem submergidas no modo de vida urbano”. (MONTERO, 2003, p. 2)

Por conta dessa mudança na área urbana, Montero (2003) traz uma questão muito levantada entre os antropólogos, o conceito de desenraizamento cultural, ou seja, o modo como muitas comunidades culturais transformaram seu modo de vida para entrarem no sistema mundial.

Para Cunha (1987) esse desenraizamento cultural apontado por Monteiro (2003) foi chamado pelos antropólogos de aculturação e isso não aconteceu apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. Quando as nações se viram frente a construção de sua nacionalidade, onde muitas culturas eram consideradas um atraso para a formação de uma sociedade moderna, queriam simplesmente excluí-las da história.

Os estudiosos da época acreditavam que a movimentação migratória apontada por Montero (2003) e reafirmada por Cunha (1987), onde as pessoas saíam de seus lugares de origem para as cidades, transformariam suas vidas de modo a esquecerem suas tradições culturais, o que não ocorreu, pelo contrário, a cada mudança imposta pela sociedade mais essa população se apegava a suas verdadeiras tradições.

A intenção da cultura única para todos, era transformar aspectos das vidas de sua população, impondo uma cultura única e imutável para que fossem incluídos na sociedade, assim deixando suas raízes culturais antigas serem esquecidas, porém Montero (2003) aponta que é uma perspectiva equivocada.

Silva (2010) aponta a constante tentativa das classes dominantes da sociedade em padronizar a cultura para que não tenha nenhum tipo de criação crítica dentro da sociedade. “[...] a imposição de modelos culturais prontos e acabados, o fortalecimento do autoritarismo avesso ao livre exercício da criação e da liberdade crítica do ser humano”. (TÁCITO, 1985, p. 5 apud SIVA, 2010, p. 109).

No século XIX, a grande elite brasileira procurou esquecer e apagar os vestígios da época colonial, por ser considerado ultrapassado. Começou-se a influência Europeia, onde ocorreu grandes reformas urbanísticas em busca da atualidade e modernidade europeia, a cidade do Rio de Janeiro foi uma das que sofreram grandes reformas, assim descrito por Pinheiro (2006).

A cidade de São Paulo, após o repentino enriquecimento por conta do café, foi uma das cidades que sofreram grandes transformações, com o intuito de apagar as marcas do Brasil Colônia, como explicado por Pinheiro (2006). Grandes fachadas foram alteradas, praças e áreas públicas modificadas, igrejas demolidas, algumas ruas foram alargadas, tudo em busca de uma nova característica urbana.

Estes fatos demonstram a falta de preocupação em manter e preservar o passado do país, apenas a procura da modernização muitos edifícios foram perdidos, demolidos e alterados. Parte da história do Brasil colônia foi perdido nessas grandes transformações urbanas.

A preocupação em preservar, conforme escrito por Pinheiro (2006), só foi acontecer na década de 1920, com o surgimento da primeira manifestação a favor da preservação e valorização das raízes brasileiras. O Neocolonial guiado por Ricardo Severo em São Paulo e por José Mariano Filho no Rio de Janeiro e por leis que começaram a surgir neste período, fez com que desse início a preocupação e preservação.

Já nas nações potentes, como Rússia e Estados Unidos por fim foram constituídas por vários grupos culturais diferentes, o que acabou culminando em uma sociedade totalmente dividida e separada, onde essas comunidades culturais se fortaleceram e se tornaram uma resistência “[...] Max Weber havia escrito há bastante tempo: de que as comunidades étnicas podiam ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços, em suma, que eram formas de organização política”. (CUNHA, 1987, p. 99).

Por fim, Montero (2003) aponta um novo modo de estudar e compreender a cultura, onde não se deve ligar a cultura estritamente ao passado apenas, as comunidades se modificaram ao longo dos anos para se tornarem parte da sociedade como um todo, mas isso não significa que ela perdeu suas raízes, apenas nos mostram que elas possuem uma especificidade cultural dos demais.

Desse ponto de vista, recoloca-se o clássico problema da mudança, mas a partir de uma perspectiva renovada: não se trata mais de saber – ou constatar – que as culturas se desenraizam e se integram à sociedade nacional, mas de compreender seu modo próprio (nativo) de conceber suas especificidades nas relações que mantêm com o todo. (MONTERO, 2003, p. 5)

Para Cunha (1987) essas comunidades realmente não perderam suas raízes por completo, elas apenas se adaptaram ao meio em que estavam inseridas. Para a autora um dos pontos marcantes na cultura muitas vezes é a linguagem, onde cada comunidade cultural tem a sua própria.

Então para Cunha (1987) a cultura não é algo que pode ser dado, mas sim algo que está em constante mudança, se recompondo, adquirindo novos significados e símbolos. Podendo associar a cultura dos povos como algo dinâmico e em constante produção.

O Brasil é um país muito diversificado culturalmente, com comunidades de diferentes étnicas, e como apresentado anteriormente por Cunha (1987) também teve seu processo de

construção da nacionalidade, em cima de uma sociedade caracterizada pela desigualdade social. Portanto a sociedade brasileira deve ser concretizada na diversidade cultural como um direito.

E principalmente, levar tais discussões e representações para dentro das escolas, onde se encontra a base da população, assim como Paulo Freire sempre defendeu, onde o homem simples e rustico não deve ter acesso a escola simplesmente para aprender a ler, mas para aprender sobre si mesmo e seu modo de viver, assim apresentado por Cunha (1987).

Por fim em seu livro Cunha (2009) reflete a respeito da cultura a base do respeito, onde os grupos étnicos devem entender o seu valor e sua diferença comparado a outro. O que ela chama de apropriação do conhecimento da cultura, respeitando o que é diferente e mantendo-os longe de seus verdadeiros costumes, assim vivem mutuamente. “[...] a cultura é homogeneizada, estendendo-se democraticamente a todo algo que é, de um outro ponto de vista, uma vasta rede de direitos heterogêneos”. (CUNHA, 2014, p. 362).

Silva (2010) aponta atualmente a crescente presença do neoliberalismo frente ao campo da cultura e o problema que vem acarretando, em dois aspectos, o econômico, a acumulação do capital, que não precisa colocar mais pessoas no mercado de trabalho e a privatização, enfraquecendo o campo das políticas sociais, isso também ocorre na cultura, assim descrito.

[...] a posição do neoliberal, que começa a deitar raízes desde meados dos anos 1980, minimiza o papel do Estado no plano da cultura: enfatiza apenas o encargo estatal como patrimônio histórico enquanto monumentalidade oficial celebrativa do próprio Estado e coloca órgãos públicos de cultura a serviço de conteúdos e padrões definidos pela indústria cultural e seu mercado. (CHAUÍ, 2006, p. 68)

Percebe-se a forte influência exercida do capital na produção cultural do país, onde assim como descrito por Silva (2010), o Estado que deveria ser provedor da cultura para a camada mais simples da população é simplesmente manipulado pelo capital, este posicionamento acaba desvalorizando não apenas a cultura mais também os Patrimônio culturais. “O Estado, por ação ou omissão, protela os planos de desenvolvimento, ou age, insuficientemente, na promoção de políticas públicas relacionadas a cultura”. (SILVA, 2010, p. 112)

Esta manipulação do capital frente ao campo da cultura já está enraizada no Brasil, como descrito por Silva (2010), governantes autoritários sempre tiverem uma recusa em aceitar prover cultura para a população, eles acabavam reproduzindo a cultura industrial que era totalmente contra o desenvolvimento humano. “[...] não só porque estes opera com o consumo, a moda e a consagração do consagrado, mas também porque reduz esta forma da cultura a

condição de entretenimento e passatempo, avesso ao significado criador e crítico das obras culturais” (CHAUI, 2006, p. 135).

Silva (2010) apresenta um caminho percorrido pela cultura no país, onde ela é totalmente financiada pelo capital e acabou virando parte da área de serviços e do entretenimento, transformando as pessoas em consumidores da cultura, enfraquecendo-a como um dos pilares de transformação social e até promovendo a exclusão da camada mais pobre da população.

Para Chauí (2006) o Estado poderia apenas se restringir em assegurar os direitos da população, sendo um provedor da cultura para a população e também agir para manter e prover o que é público para o público, “[...] enfatizando a natureza da classe da nossa sociedade e a obrigação de uma política, se quiser ser moderna e democrática, de garantir direitos, de quebrar privilégios [...]” (CHAUI, 2006, p. 102).

Chauí (2006) atenta-se que o Estado não deve ser o formulador da cultura, mas que ele faz parte historicamente da cultura, ele se integra a ela e deve dar condições para acesso a esta cultura, não a dividir socialmente. “É produto da cultura e não produtor de cultura. E um produto que exprime a divisão e as multiplicidades sociais”. (CHAUI, 2006, p. 135)

O poder público para Silva (2010) até mesmo das cidades também deveria criar estratégias para a cultura de uma maneira a proporcionar oportunidades de inclusão social para as comunidades mais marginalizadas, promovendo através da cultura a educação, maior participação social e informação. [...] para que a educação formal seja realmente reformada e aberta para incluir as pessoas, conscientizando-as de suas responsabilidades, em detrimento das desigualdades sociais”. (SILVA, 2010, p. 118)

A participação das pessoas no campo cultural faz com que elas se tornem mais ativas no envolvimento dos seus próprios direitos, criando senso crítico e entendimento de como deveria conduzir suas próprias vidas, fazendo com que elas saíam do campo de beneficiários passivos dos programas de desenvolvimento, assim descrito por Silva (2010).

Porém, infelizmente existem duas situações que impede essas mudanças e participação da sociedade, uma é as constantes corrupções vivenciada pela sociedade brasileira, que não acredita mais em mudanças vinda do Estado, acarretando em uma indiferença da população em ser mais participativa, assim como descreve Silva (2010).

Percebemos que o Patrimônio Edificado está ligado diretamente à cultura e, assim, como afirmado por vários autores, também sofreu o processo da busca da cultura nacional e que inicialmente tentou padronizar uma única para todo o país através dos edifícios históricos,

mas modificado com o passar do tempo, dando visibilidade à diversidade cultural que o país possui.

2.5. Geração

Ao falarmos sobre conceitos de formação identitária, processo da memória e transmissão cultural, conseguimos ligá-los a elementos que surgem dos relacionamentos entre gerações. Como apontado anteriormente pelos autores referenciados, a formação da nossa identidade pode ser estabelecida por meio do encontro e do contato com o outro, pois a cultura muitas vezes é passada para as gerações futuras. Essas discussões foram apresentadas por Ferrigno (2009) em sua tese “O conflito de gerações” e por Novaes (2005) no livro “As gerações e suas lições de vida”. As gerações se constituem em espelho diante das outras, mas cada uma tem seus próprios interesses e maneiras de pensar, evidenciando a importância da memória e da lembrança como instrumentos de valorização pessoal e de segurança [...]” (NOVAES, 2005, 14)

Ferrigno (2009) apresenta as reflexões de alguns estudiosos sobre o conceito de geração. A partir dessas reflexões, o autor aponta que a diferença de idade dentro do seio familiar, um mesmo grupo de pessoas que tem a mesma idade ou pessoas que viveram os mesmos fatos históricos podem auxiliar o entendimento sobre como é constituído esse conceito de geração. Em contrapartida, autores como Cortella e Bial (2018) defendem que a geração é definida pelos contextos nos quais os indivíduos estão inseridos naquele determinado tempo, podendo mudar conforme o passar dos anos, não se fixando apenas na idade, e sim pela perspectiva e entendimento de cada um sob os eventos presenciados, enfatizando sobre a reconstrução do passado e de eventos que tiveram testemunhas, servindo como memórias coletivas.

É somente por meio da seletiva reconstrução do passado que uma geração se torna associada a eventos sociais específicos. Trata-se do processo de recordação e comemoração através do qual o evento social é mantido vivo para as gerações que a testemunham. Esse processo delega a determina geração a tarefa de servir como uma testemunha da história e memória coletiva da sociedade [...]. (FERRIGNO, 2009, p. 60)

Para Ferrigno (2009) e Novaes (2005), quando falamos de gerações, ocorre a desigualdade de fala, pois o jovem de hoje não dá voz ao idoso e não entende que o idoso precisa ser ouvido já que é ele que detém conhecimentos do passado. Ao chegar na vida adulta, Ferrigno (2009) e Novaes (2005) acreditam que a independência e autônoma, ao ponto desta fase da vida não se importar com os membros mais velhos da família, gerando um grande

empasse com os velhos, que apenas querem viver em espaços onde são aceitos e se sentem vivos, buscando e criando uma nova identidade, sentindo-se importantes na sociedade.

Outra reflexão abordada por Cortella e Bial (2018) diz respeito ao embate ou diferença entre as gerações, no livro “Geração em Ebulição”. Para eles, a tecnologia trouxe sim muitos avanços, já que ela auxilia de muitas formas na melhoria da vida, tanto no campo do lazer quando no do trabalho. Entretanto Cortella e Bial (2018) refletem que a tecnologia trouxe para o jovem o convívio com o imediatismo, visto que a tecnologia fornece coisas muito rápidas que contribuem para uma sociedade acelerada. Sobre isso, os autores refletem “Volto, então, à minha hipótese em relação ao que você falava: essa tecnologia da instantaneidade, que é absolutamente decisiva como instrumento de serviço, quando adotada como um modo de existir, é danosa.” (CORTELLA, BIAL, 2018, p. 61).

Consoante ao postulado por Cortella e Bial (2018), Ferrigno (2009) concorda que um dos fatores que ocasiona o conflito entre as gerações está relacionado com o modo de viver da sociedade atual que se apresenta presa à aceleração. Além disso, o autor aponta como outro fator o grande crescimento urbano. Como consequência desses fatores, Ferrigno (2009) apresenta a reflexão de que a sociedade se organizou, dividindo-se por meio de diferenças de idade em que cada um ocupa um determinado espaço já estabelecido como as creches, as escolas, os escritórios.

Entretanto, no passado, nas sociedades antigas, os espaços urbanos eram mais reduzidos, porém amplos e eram visto grupos com várias idades diferentes trocando experiências. Logo, percebe-se que a sociedade atual possui uma grande falha em sua estrutura de convivência, assim Ferrigno (2009) traz em sua análise. “O distanciamento social entre as gerações é um dos mais notáveis fenômenos dos tempos atuais. Na sociedade moderna facilmente constatamos a compartimentalização das faixas de idade” (FERRIGNO, 2009, 63)

Toda esta análise de Ferrigno (2009) mostra que este distanciamento gera preconceitos entre as gerações, a falta de respeito e até mesmo a perda de interesse em relacionar-se entre si. As crianças veem os adultos como figuras de autoridade, os jovens cada vez mais influenciados pela tecnologia, os adultos acelerados em seus postos de trabalhos e para os idosos o esquecimento.

Assim a um grande crescimento desde os anos 90 entre os estudiosos, onde começaram a entender a importância da relação entre as gerações para que elas não tenham mais conflitos e sim criem laços solidários e de cooperação, começa então a criação de iniciativas

institucionais para oferecer momentos de troca intergeracional, ocorrendo na comunidade a inclusão do idoso como parte da sociedade, assim aponta Ferrigno (2009).

A intergeração como projeto socioeducativo é importante, bem como a arquitetura social, nas suas diferentes configurações do habitat social aberto as diversas gerações, evitando a segregação e a formação de guetos sociais, aproveitando espaços interativos existentes como parques, centros culturais, condomínios residências, etc. (NOVAES, 2005, p. 13).

Deste modo devemos organizar as nossas cidades e comunidades de modo a restabelecer um melhor local de conviver para todos, sem deixar de lado nenhuma faixa etária, pois como visto anteriormente o ser humano é constituído e transformado a partir do contato com o outro, através das relações sociais.

2.6. Taubaté

No local onde se situa a cidade de Taubaté existia uma aldeia chamada Tabaybaté, que na língua indígena Tupi significa aldeia alta, foi dela que surgiu o nome da cidade assim descrito por Prado (2005).

Ainda como explicado por Prado (2005) no final do século XVI e início do século XVII, a colonização paulista ainda estava apenas ao redor de São Paulo, surgiu o interesse de desbravar os sertões rumo a direção do Rio Piratininga e o Rio Paraíba, foi neste ponto que Jacques Felix foi incumbido a povoar a região, recebendo sesmarias de Pindamonhangaba até as proximidades de Tremembé, no ano de 1628.

Mas tarde, já em 1639, foi dado a permissão para que Jacques Felix pudesse construir a igreja Matriz, a cadeia, engenho de cana, arruamento, além de terras cedidas para que mais famílias convidadas pelo fundador pudesse vir povoar a nova terra, como descrito por Prado (2005), sendo elevada à categoria de Vila em 5 de dezembro de 1645, com o nome do que viraria mais tarde o padroeiro da cidade, São Francisco das Chagas de Taubaté.

A cidade foi prosperando de 1690 a 1715, se tornando o ponto irradiador dos bandeirantes, da cidade saíram inúmeros desbravadores em direção a Minas Gerais, e muitas cidades conhecidas como Ouro Preto, Mariana e até mesmo Campinas foram fundadas por bandeirantes de Taubaté, assim descrito por Prado (2005), mas tarde Taubaté recebeu a casa de fundição de ouro.

A partir de 1825 a população começou a ter o ganho econômico através da produção de café, dotada de muitas fazendas cafeeiras e por consequência sua importância elevou de vila para cidade, tendo na época o maior número populacional da região. Em 1900 se tornou a

cidade de maior produção de café da província de São Paulo, assim como descreve Prado (2005).

Como citado por Abreu (1985) o progresso da cidade tornou-se então explícito, ganhou a estrada de ferro que ligava a cidades vizinhas, a São Paulo e Rio de Janeiro, foi construído o Teatro São João, possui bondes urbanos, iluminação a gás e mais tarde rede telefônica, tudo isso entre 1878 a 1893.

Foi assinado na cidade o Convenio de Taubaté, que na época era para incentivar o cultivo do café e taxas menores para o uso interno no país e taxas para exportação. O consumo fora do Brasil era cada vez maior o que culminou no processo de oferta e procura, por isso a importância do Convenio de Taubaté assinado pelos prefeitos de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, assim descrito por Abreu (1985), porém em 1920 a era do café entra em decadência.

A Companhia Taubaté Industrial foi fundada em 1891 o que representou para Taubaté um novo rumo para sua economia, mas apenas em 1900 o café já estava sofrendo crises e mostrava ao país seu fim. Em 1930 os fazendeiros da cidade de Taubaté perdiam suas posições e se concretizava a vida urbana e não mais rural, assim descrito por Abreu (1985).

Felix Guisard fundador da CTI foi um visionário, deu emprego a muitas pessoas, deu oportunidade a mulheres e jovens e foi um dos pioneiros a se ajustar a leis trabalhista da época. Além de ter auxiliado no desenvolvimento econômico e urbano da cidade a partir da industrialização, como descrito por Abreu (1985).

Neste momento observa-se a importância da trajetória da cidade e por consequência sua forte história em um parâmetro nacional, com isso veio ao longo do tempo muitos prédios históricos que fizeram parte dessas transformações e estão espalhados por toda a cidade, alguns podem ser notados, outros estão abandonados e outros foram retirados da malha urbana.

3 METODOLOGIA

3.1 Delineamentos da pesquisa

A metodologia é fundamental para as pesquisas científicas, a escolha de um determinado método científico auxilia na formação de um conjunto de técnicas e procedimentos que contribuem na busca do conhecimento verdadeiro, pois o objetivo do pesquisador é chegar em resultados válidos.

Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS; MARCONI 2003, p. 83)

Segundo Gil (2008), a alguns anos atrás os cientistas buscavam um método base para todas as áreas, porém com o passar do tempo foi observado a necessidade de criar uma variedade de métodos e que a escolha deveria estar de acordo com a área de pesquisa de cada cientista e a condução desejada pelos mesmos.

Dentro dos vários métodos que podem ser abordados, pretende-se utilizar o método dialético, onde ao estudar um determinado grupo de pessoas deve-se levar em consideração todo o contexto social, econômico e político em que elas estão inseridas e que interfere diretamente na pesquisa, é um método dinâmico e que abrange toda a realidade, conforme abordado por Gil (2008), Lakatos; Marconi (2003).

3.2. Tipo de Pesquisa

Levando em consideração que está presente pesquisa tem como objetivo estudar parte de uma determinada realidade social, optou-se pela abordagem qualitativa que é muito utilizada na área de Ciências Sociais, por investigar e analisar situações que envolve a realidade de pessoas, como elas agem perante situações, como elas pensam e suas opiniões, ou seja, situações que não podem ser medidas por meio de números e sim por observação e contato direto entre pesquisador e amostra conforme definido por Deslandes (2009).

Segundo Minayo (2013) enquanto as abordagens quantitativas têm o objetivo de explicar fenômenos existentes na natureza e validam suas pesquisas por meio de números, a abordagem qualitativa investiga os significados das relações sociais e que muitas vezes não são palpáveis, precisam ser interpretadas.

Segundo Deslandes (2009, p.21) “O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é o objeto de pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos”.

Trata-se também de uma pesquisa transversal, onde possui o objetivo observacional, com um determinado grupo de pessoas durante um período de tempo pré-determinado que possui uma variável em comum a ser estudada, entretanto uma variável que não se altera durante o processo da pesquisa.

3.3. Participantes

Para a realização desta pesquisa foram definidos três grupos diferentes de participantes, para que fossem observados as relações e os diálogos entre eles, sobre o assunto proposto.

O grupo composto por idosos, foi incluído na pesquisa por serem uma população da cidade que possui uma relação mais consolidada com o meio em que vivem e possuem o campo da memória mais ativa. Foi inserido na pesquisa outro grupo formado por adultos com idades entre trinta a quarenta e cinco anos e foram escolhidos por serem a população que está à frente da sociedade hoje, conseguindo trazer uma visão da atualidade. E por fim o grupo composto por adultos novos, recém-saídos da adolescência, do 1º ano da Faculdade de História, idade na qual desenvolveram um processo maior de assimilação e compreensão, e foram convidados também por serem a faixa etária que estará à frente da sociedade em um futuro não tão distante. Os grupos de jovens e de idosos foram formados por pessoas de sexos mistos, apenas dentro do grupo dos adultos, que foi estabelecido por mulheres.

Os benefícios da pesquisa consistem em interação com grupo de pessoas mais jovens, além da discussão sobre o tema, algo que pode auxiliar no desenvolvimento humano e os riscos, como se trata de algo que mexe com o passado, pode acarretar momentos de memórias dolorosas e por consequência mexer com o emocional dos participantes

Conforme a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, do estatuto do idoso que é destinado aos cuidados e direitos de pessoas que possuem idade igual ou superior a 60 anos. Na cidade de Taubaté conforme o IBGE (2010), a população idosa da cidade é composta por cerca de 10% da população total, para que o grupo de idosos não seja escolhido aleatoriamente entre os tantos municípios esta pesquisa optou por fazer um convite para um grupo de idosos que compõe o chamado PAIE (Programa de Atenção ao Envelhecimento) que já existe dentro da UNITAU (Universidade de Taubaté).

A cidade de Taubaté, conforme os dados do IBGE (2010), possui cerca 14% de jovens da população total. Para que este grupo também não seja escolhido aleatoriamente entre os municípios também se fez um convite para os jovens da Faculdade de História também da UNITAU, assim manteve-se uma linearidade na coleta de amostra. Foi enviado para a o reitor da Faculdade, um termo de consentimento para a pesquisa após a aprovação do Comitê de Ética da Unitau.

Os adultos foram convidados a participarem do grupo focal e da entrevista. O número de adultos na cidade de Taubaté não tem dados claros no IBGE (2010), estima-se que chega a ser 60% da população, sendo a grande maioria da população da cidade, sendo bem equilibrado a quantidade entre homens e mulheres.

Foi realizado um convite virtualmente para ambos os grupos, e foi utilizado o critério de adesão. Para os idosos o critério de exclusão foi a possível falha na fala, já que este fato dificultaria as conversas. Desse modo, a amostra foi composta por um total de onze participantes, sendo três idosos, três adultos e cinco jovens.

Após a aprovação no Comitê de Ética, ao convidar todos os participantes, tivemos uma grande dificuldade em acessar os jovens e os idosos, claro que a situação que o país se encontra, ainda em pandemia, dificultou ainda mais este primeiro contato.

O convite foi feito para grupos mistos, porém ocorreu uma grande participação de pessoas do sexo feminino, principalmente do grupo dos idosos, onde a maioria dos interessados foram mulheres. Houve a participação de três faixas etárias tanto no grupo focal, quanto nas entrevistas, sendo jovens, adultos e idosos.

O grupo focal foi realizado no dia 02/07/2021, já que todos se encontravam ainda no processo de pandemia por conta do COVID-19, para assegurar a integridade e a saúde de todos os participantes, o grupo focal foi realizado por meio de uma sala virtual, onde foi auxiliado por meio de gravação de vídeo e áudio de maneira a ter acesso de melhor qualidade a todos os participantes. A transcrição foi realizada pelo pesquisador a partir deste instrumento digital. A professora Dra. Rachel Duarte Abdala esteve presente no início da apresentação e disponibilizou a sala de bate-papo para que toda a atividade fosse realizada. No total foram oito participantes, sendo dois idosos, quatro jovens e dois adultos, que foram nomeados como P1i e P2i, para os idosos, P3a P4a P5a P6a para os quatro jovens e PCa e PDa para os adultos participantes do grupo focal e da entrevista. Aos participantes que participarem apenas das entrevistas, serão nomeados como JPi, para o idoso convidado, MEa para o adolescente e C1a para o adulto.

Como descrita anteriormente a coleta de dados foi feita por meio de vídeo conferencia, já que todo o país se encontra ainda em pandemia, por conta deste fato, muitos participantes ficaram com as câmeras desligadas, principalmente do grupo de jovens, dificultando a análise corporal de alguns participantes.

Outro fato a destacar, acredita-se que também por conta do grupo focal e da entrevista terem sido realizados por vídeo conferência, ocorreu uma resistência de alguns participantes em se soltarem durante o processo. Alguns jovens ficaram mais silenciosos, não tendo um posicionamento mais ativo.

Já com o grupo de idosos teve uma resistência maior na participação, acredita-se também que a falta de pratica em relação a tecnologia dificultou na participação de mais idosos no grupo focal. A participação destes foram bem ativas nos dois processos de coleta de dados.

Nas entrevistas dois participantes foram bem ativos em suas respostas, gostaram de contar suas experiências e complementaram suas respostas com mais coisas além do perguntado, já em outros dois entrevistados apenas responderam às perguntas sem uma complementação do assunto.

Dentre todos os participantes nem todos eram nascidos de Taubaté, boa parte do grupo de jovens tinha vindo da cidade de São Paulo, mas já moravam na cidade a no mínimo 5 anos, dois participantes em especifico moraram em Taubaté quando mais jovem, porém reside atualmente em Recife- PE e em Salvador- BA.

No geral todos os participantes tiveram seu momento de fala e colocaram seu posicionamento em algum momento de todo o grupo focal, no entanto ocorreu uma maior participação no grupo focal dos idosos e adultos, onde essas duas faixas etárias se mobilizaram de maneira mais efetiva com o assunto apresentado.

Foram realizadas entrevistas individuais, sendo dois jovens, um adulto e dois idosos, sendo todos de maneira online para preservar o distanciamento, apenas uma entrevista com idoso sendo realizado na residência dele, mantendo todo o distanciamento necessário e após todos os envolvidos estarem vacinados.

3.4. Instrumentos de Pesquisa

Esta pesquisa teve dois instrumentos de coleta de dados, sendo um Grupo focal conforme Gatti (2012), onde as amostras interagiram entre si, foi realizado por meio de roteiro conforme o apêndice A e pôr fim a outra técnica utilizada foi entrevista por meio da História

Oral temática, ou seja, não abordará assuntos específicos da vida das pessoas e sim sua relação com o tema durante o decorrer de suas vidas fundamentando-se em Meihy (2007).

Sobre a primeira técnica, entende-se que grupo focal é muito utilizado em pesquisas qualitativas e amplamente usado na psicologia social. Ocorre a seleção de algumas pessoas, onde possuem alguma característica em comum que os qualifiquem para a discussão. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema para que possa ocorrer um debate sobre o assunto com experiências cotidianas. Conforme Gatti (2012), os grupos focais são úteis quando se quer compreender a linguagem e a cultura entre um grupo de pessoas, observar o consenso do tema ou até mesmo as divergências e as contradições que podem surgir.

O grupo focal é uma técnica que pode ser utilizada para vários fins, como processo de avaliações, estudos exploratórios, para a fundamentação de hipóteses ou tendências conforme Gatti (2012). No caso desta pesquisa a escolha desta técnica se deve para auxiliar no levantamento de dados para processo de pesquisa social e também por ser uma ferramenta útil para análises de dados por triangulação, outra técnica utilizada nesta pesquisa. Outro motivo pela qual esse mecanismo de pesquisa foi optado é por permitir a melhor compreensão de diferentes perspectivas sobre um determinado assunto entre grupos com idades e vivências diferentes, auxiliando também na troca de experiências dos participantes, assim descrito por Gatti (2012, p.11) “A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais o indivíduo são influenciados pelos outros.”.

A composição do grupo como citado anteriormente será heterogenia em relação à faixa etária, onde será composta por jovens, adultos e idosos, o ponto em comum entre eles será o local em que residem ou residiram.

O número de participantes do grupo focal foi no total de oito, quantidade suficiente para atender a análise que foi realizada, assim como Gatti (2012) cita em seu livro, afirmando que para a realização do procedimento é necessário que não seja um número pequeno de pessoas onde possivelmente não ocorrerá um debate ou um número muito alto de participantes que prejudicaria no debate e até mesmo na análise dos dados coletados, sendo ideal de 6 a 12 participantes.

A segunda técnica que foi utilizada nesta pesquisa é a História oral por meio de entrevista (conforme o apêndice B). A matéria prima desta abordagem é a memória, identidade, comunidade assim citado por Holanda e Meihy (2015), itens esses abordados durante a pesquisa e que foi abordado no grupo focal, outro fato é para auxiliar no entendimento de determinados

pontos da realidade social. Desse modo, a partir das pessoas participantes do grupo focal será feito um convite para uma pessoa de cada grupo – idosos e jovens – para a realização das entrevistas. Assim, deverão ser realizadas duas entrevistas.

A História oral é importante para compreender a sociedade contemporânea registrando-a, por meio de entrevistas todo o caminho percorrido pelas pessoas até os dias de hoje, para auxiliar estudos de identidade e memória coletiva, assim como Holanda e Meihy descreve “História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”. (HOLANDA, MEIHY, 2015, p. 17)

Em uma sociedade totalmente acelerada assim descrita por Holanda e Meihy (2015) faz com que a história oral esteja se tornando um marco como técnica utilizada para gravar e deixar marcado histórias e memórias já vividas no passado, fazendo com que as falas dos entrevistados se tornem uma experiência transformadora. “História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social”. (HOLANDA, MEIHY, 2015, p. 64)

Esse procedimento é muito utilizado como caráter documental, onde as entrevistas são gravadas e depois passadas em forma de textos para estudar melhor a realidade social do participante, deve-se ter um contato direto com o entrevistado para que se crie uma relação de confiança, o interessante deste método é que permite o pesquisador após a conclusão dos estudos voltar e mostrar o resultado para os participantes. O local da entrevista também é algo importante a ser pontuado logo que o entrevistado deve se sentir à vontade de modo a se sentir confiante em responder as perguntas pertinentes ao pesquisador, assim como descrito por Holanda e Meihy (2015) em seu livro “Historia oral- Como fazer, como pensar”.

Portanto, a História oral é uma técnica utilizada por meio de entrevistas que pretende não apenas entender o que já foi vivido, mas também entender todo o contexto social em que o entrevistado estava inserido. Os participantes devem aceitar serem entrevistados, pois assim como a outra técnica já apresentada, é algo que mexe com o emocional do indivíduo, porém este presente trabalho utilizará na entrevista a história oral temática, na qual as perguntas serão apenas para tratar assuntos pertinentes a este trabalho, como a relação do Patrimônio Histórico e os entrevistados. “Em geral, a história oral temática é usada como metodologia ou técnica e, dado o foco temático precisado no projeto, torna-se um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias”. (HOLANDA, MEIHY, 2005, p. 38-39)

Ao se tratar de uma história oral temática o pesquisador produz as perguntas de acordo com o que realmente é pertinente ao seu trabalho, perguntas essas que necessitam ser feitas e conduzidas de modo a esclarecer o tema ao entrevistado. O pesquisador então precisa ter claro todos os conceitos relacionados ao tema e as perguntas devem ser para fins de conhecer pontos não elucidados do tema, assim como a opinião do entrevistado, descrito por Holanda e Meihy (2005).

3.5. Procedimentos de Coleta de Dados

Por envolver seres humanos para a coleta de dados, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Para a reunião do grupo focal em relação aos idosos, por conta do COVID-19 e a reclusão dos idosos, a pesquisadora fez o convite de modo remoto, por meio do aplicativo de conversa Whatsapp. Conforme já descrito, a amostra foi composta por meio de adesão.

Também para a participação do grupo focal em relação ao grupo de jovens, a pesquisadora foi até a Pró- Reitoria da Universidade conversar com o responsável para adquirir a permissão para o convite dos alunos, assim apresentado no Anexo D, posteriormente juntamente com o professor responsável do curso, fez o convite de modo remoto, por meio do aplicativo de conversa Whatsapp, respeitando o protocolo contra o COVID-19 e conforme descrito anteriormente também foi por meio de adesão.

Os adultos que participarem do grupo focal e da entrevista foi por meio de um convite também via Whatsapp realizada pela pesquisadora, para assim respeitar os protocolos de segurança.

Para as entrevistas foram convidados um participante de cada grupo também por meio de adesão logo após o grupo focal e o acréscimo de um convidado de cada faixa etária que não participou do grupo focal, desta maneira a pesquisadora conseguirá realizar uma análise mais completa sobre aqueles que participaram do grupo focal que podem ter alterado seu modo de ver e falar sobre os Patrimônios, diferenciando-se ou não daqueles que não tiveram um contato inicial com o tema. Todas as entrevistas foram realizadas seguindo todo o protocolo de distanciamento social, de maneira online, para assim preservar a saúde dos participantes. As entrevistas foram marcadas com cada participante no período que melhor os atendia.

O encontro para a coleta de dados foi realizado de modo remoto por conta do COVID-19, para a preservação e proteção dos participantes. Porém como a intenção desta pesquisa é tratar o assunto do Patrimônio e da cidade em uma perspectiva geracional, sendo importante observar e entender a interação de ambas as faixas etárias para melhor compreensão dos pontos de vistas.

3.6. Procedimentos para Análise de Dados

Os dados obtidos na coleta foram analisados e organizados por meio da técnica de triangulação. Para Brisola e Marcondes (2013) a técnica de triangulação pode ser complexa, porém muito importante para a formação e entendimento da pesquisa, muito utilizada quando o instrumento de coleta dos dados é o grupo focal. Em relação ao procedimento de análise a triangulação parte do aspecto de uma articulação entre os conceitos teóricos estudados e a observação, permitindo o entendimento geral em uma perspectiva mais ampla. Partindo de três características fundamentais, o modo como as pessoas entendem o real modo em que vivem, os processos em que envolve toda essa percepção dos indivíduos, assim os conceitos de autores sobre tais perspectivas são importantes e a estrutura que envolve a realidade dessas pessoas.

Dito isso, conclui-se, portanto, que, na Análise por Triangulação de Métodos, está presente um *modus operandi* pautado na preparação do material coletado e na articulação de três aspectos para proceder à análise de fato, sendo que o primeiro aspecto se refere às informações concretas levantadas com a pesquisa, quais sejam, os dados empíricos, as narrativas dos entrevistados; o segundo aspecto compreende o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e o terceiro aspecto se refere à análise de conjuntura, entendendo conjuntura como o contexto mais amplo e mais abstrato da realidade. (BRISOLA, MARCONDES, 2013, p. 204)

A análise da articulação destes três pontos diminui o espaço que existe entre a parte teórica e a prática. Ao se coletar todos os dados deve-se passar por duas etapas, sendo a primeira o processo interpretativo, onde deve-se fazer uma transcrição perfeita do que foi coletado, a percepção da entonação da voz, os momentos de silêncio e euforia, após deve-se marcar aquilo que é relevante para a pesquisa. A segunda etapa é a parte da avaliação dos dados, levando em consideração os objetivos da pesquisa, e a última os dados devem auxiliar na criação de refletir, de modo a explicar o estudo realizado assim descrito por Brisola e Marcondes (2013).

Brisola e Marcondes (2013) também falam sobre uma outra etapa a interpretativa deve-se contextualizar a realidade, por meio do aprofundamento das leituras. Pois neste momento para se alcançar um entendimento deve ocorrer um diálogo entre os dados coletados e os autores. “[...] o assunto tratado na pesquisa, contextualizado com a realidade mais ampla no

qual está inserido, realizando mediações reflexivas com o Estado e com a Nação, entre outros aspectos”. (BRISOLA, MARCONDES, 2013, p. 205)

Na terceira etapa, que é a análise da conjuntura coloca-se para melhor entendimento os dados coletados no contexto macro da sociedade, na realidade do espaço e seus conflitos, não ficando apenas nos dados coletados, mas também entender o espaço que gerou toda aquela reflexão e sua influência. Depois de todas essas análises explicado por Brisola e Marcondes (2013) fez o estudo de todas essas etapas juntas, novamente um ensaio interpretativo, para assim ter uma perspectiva do todo, isso se configura como análise de triangulação.

A característica dialética, dessa construção-síntese, reforça a importância da passagem temporal, qual seja, do antes e depois à medida que permite que o pesquisador, continuamente, fortaleça ou substitua os conceitos unificadores e identificadores do objeto ou situação estudada. Compreende-se, portanto, que, a partir da apreensão de informações e de aspectos teóricos conceituais, mais se desenvolve a capacidade de o pesquisador exercitar sua consciência crítica, considerada como um dos objetivos dos que optaram por enveredar-se pelo universo da pesquisa. (BRISOLA, MARCONDES, 2013, p. 206)

A técnica de triangulação foi utilizada para compreender os dados vindo do grupo focal que foi realizado com o grupo misto compostos por idosos, jovens adultos e jovens, porém foi utilizado uma segunda técnica para analisar os dados das entrevistas que foram realizados com um participante de cada faixa etária que foi a história oral.

Para Holanda e Meihy (2015) a História oral parte sempre de uma entrevista que é uma manifestação verbal da amostra, que são gravadas pelo pesquisador, é interessante pontuar o fato de ser algo que não consegue captar as expressões, os gestos e a emoção, porém por meio de anotações pode se entender em conjunto para melhor compreensão dos fatos narrados.

Após a realização das entrevistas por meio de gravações o pesquisador fez a transcrição de modo claro toda a entrevista, sem deixar escapar nenhum detalhe, assim como gestos, emoção e pausas. Em um outro momento essas transcrições foram analisadas, é feito por meio de uma elaboração de um texto, seja com caráter documental ou com os entrevistados de modo ativo, a elaboração deste texto final precisa ou não possuir uma conclusão dependendo do objetivo principal da pesquisa.

Existe a etapa do arquivamento, onde é muito importante certificar-se que todas as gravações e transcrições estão bem guardadas, para que não haja a perda dos documentos que validam a análise. E por fim e o mais importante é a devolução social, seja por meio de um livro, ou até mesmo a devolução dos arquivos, visto que a intenção da técnica da história oral deve ser entender o contexto social que se encontra o objetivo da pesquisa na qual a opinião e os relatos de pessoas são muito importantes para a compreensão, assim explicado por Holanda

e Meihy (2005). “Para uma boa realização de projeto, fazem-se necessárias algumas combinações de conhecimento, habilidades, meios e pertinência da pesquisa. Um bom roteiro é essencial para se pensar desdobramento do trabalho. (HOLANDA, MEIHY, 2005, p. 29 a 30).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Perfil dos participantes

As entrevistas realizadas individualmente com pessoas que participaram do grupo focal tiveram falas e citações relacionadas ao que ouviram durante o grupo, percebendo-se a influência que tiveram, já as entrevistas realizadas com pessoas que não participaram do grupo focal abrangeram mais suas respostas, tiveram mais momentos de falas, resultando em entrevistas mais longas.

Os entrevistados foram classificados e serão chamados conforme a tabela abaixo:

Pseudônimo	Grupo	Idade	Naturalidade	Tempo em Taubaté	Ocupação	Participou de qual método
P1i	idoso	65 anos	Bahia	Mais de 10 anos	Aposentado	Grupo focal/ Entrevista
P2i	idoso	-	Taubaté	Vida toda	Aposentado	Grupo focal
JPi	idoso	80 anos	Redenção da Serra	Mais de 20 anos	Aposentado	Entrevista
P3a	jovem	18 anos	Taubaté	Vida toda	Estudante	Grupo focal/ entrevista
P4a	jovem	19 anos	Taubaté	Vida toda	Estudante	Grupo focal
P5a	jovem	18 anos	São Paulo	9 anos	Estudante	Grupo Focal
P6a	jovem	18 anos	-	-	Estudante	Grupo Focal
P7a	jovem	19 anos	Taubaté	Vida toda	Trabalha na secretária escolar/ Estudante	Entrevista
PAA	adulto	41 anos	Bahia	Morou por 5 anos	Engenheira Civil/ Cursa Arquitetura	Grupo focal
PBA	adulto	30 anos	São Paulo	5 anos	Trabalha no comércio/ Estudante	Grupo focal
PCA	adulto	35 anos	Taubaté	Mora a 2 anos em Salvador	Trabalha na área da educação/ Pesquisador	Entrevista

Quadro de participantes

Dentro do grupo de idosos o P1i, foi o perfil de participante mais ativo, falante, boa comunicação com todos. Em todos os assuntos pontuados colocava sua opinião de maneira firme e assertiva. Teve que sair do grupo focal antes do horário por questões pessoais e foi muito solícito durante a entrevista. Conseguiu ter um bom relacionamento com os mais jovens

do grupo, adquirindo uma afeição por um deles. É participante do grupo PAIE a pouco tempo, gosta muito de história, sempre se envolveu com a história da cidade.

Já a P2i também do mesmo grupo não teve momentos de muita fala, porém em todas as vezes que se posicionava sempre lembrava dos netos e principalmente dava muitos exemplos voltados para a escola, já que sua profissão é professor(a), mas hoje aposentada. Participante ativa do grupo do PAIE a mais de 10 anos. Também uma pessoa muito solícita, amigável e o sorriso sempre no rosto.

Com o JPi foi realizado uma entrevista presencial seguindo todos os protocolos de segurança contra o COVID-19, sem colocar em risco a saúde do participante. Uma pessoa extremamente carismática, proativa para atender a todas as perguntas da pesquisa e sempre gostando de contar suas histórias pessoais. Adorou contar suas vivências e experiências com a cidade, principalmente de como ela era antes de suas mudanças, mas sempre compreendendo seus avanços.

Percebeu-se uma vontade de participar e de se envolver a pesquisa os participantes mais velhos, vemos conforme o IBGE (2010) que são cerca de 10% da população, são todos aposentados e ligados ao gosto pela história e a cidade. Fazem parte de uma minoria da população, mas seus conhecimentos são grandiosos.

O participante P3a do grupo de jovens mostrou-se interessado pela temática desde o princípio, também muito ativo durante o grupo focal, com falas e posicionamentos bem colocadas, uma experiência de andar pela cidade maior do que o esperado. O conhecimento pelo tema não era vasto, porém o querer entender e aprender era grande. Possui colocações do relacionamento com seus parentes, criando um afeto por um dos participantes do grupo de idosos.

P4a também cursa a faculdade de história, ficou mais reclusa durante a conversa, teve alguns posicionamentos pontuais.

P5a decidiu fazer história por causa de um professor do ensino fundamental, que em sua percepção era incrível e porque ama a cultura. Também como a anterior ficou mais tímido e recluso, com pequenos momentos de fala.

O participante P6a entrou no final do grupo focal, não tendo uma participação ativa.

O participante P7a fez a entrevista, no início estava um pouco tímido, com as primeiras respostas dadas mais rapidamente, mas durante a entrevista foi se soltando mais, com momentos de fala interessantes, falou de seu interesse sobre o assunto em pesquisas e a falta de informações sobre a cidade.

Conforme os dados do IBGE (2010) é uma das faixas etárias mais numerosas da cidade chega a ser cerca de 14% da população, percebeu o interesse sobre o tema que é importante para a pesquisa, já que são eles as gerações que sucederão a cidade. Portanto o conhecimento sobre história e Patrimônio se torna importante, para que eles consigam preservá-los.

PAA está em sua segunda graduação. O perfil deste participante também foi bem ativo, como está cursando arquitetura conseguiu trazer pontos de vistas e conhecimentos voltados para essa área, que é basicamente a área que envolve esta pesquisa. Conseguiu conduzir os demais participantes a continuarem nesta linha de raciocínio, sem se perderem dentro dos assuntos dos Patrimônios imateriais. Trouxe em sua fala muitas experiências com os Patrimônios da Bahia, dando um comparativo assertivo com a cidade de Taubaté.

O participante PBA está no curso de História, também é a segunda graduação. Gosta muito de viajar e conhecer a cultura nos locais, conhecer a arquitetura, tudo se torna fascinante. Também é observadora, gosta de observar edifícios históricos. Durante o grupo focal teve momentos de falas marcantes, mas ao fim precisou sair por questões de trabalho.

E por fim o PCA, participou da entrevista, é do mundo acadêmico e pesquisador, saiu da cidade para dar continuidade a sua pesquisa atual. Foi por muitos anos professor Municipal na cidade, tem formação inicial em artes. Foi o participante que mais entendia sobre o assunto, obviamente por sua formação, mas também por sua vivência dentro das escolas, o querer implantar o conhecimento patrimonial desde a base do ensino, teve participação ativa por alguns anos sobre a cultura de Taubaté, porém foi o que mais demonstrou sua insatisfação com o caminho que a cultura na cidade está tomando.

4.2. Patrimônio como referência de identidade e de memória

É a partir da memória que se tem conhecimento e entendimento do hoje e essas questões estão ligadas ao pertencimento, o pertencer de uma pessoa dentro da sociedade, o pertencer a um grupo de pessoas, o pertencer a um local ou uma cidade, isto faz parte da identidade.

Por exemplo, eu dava aula ali para o Monte belo que é pertíssimo da casa das figureiras na Imaculada e as crianças não conheciam a casa do figureiro, não conheciam, que tipo atravessando a rua da escola tinha um rio que antigamente as figureiras tiravam o barro, entendeu? Que tudo ali onde a escola estava localizada era uma fazenda de café. Então eles não tinham essa noção. E assim aqueles que ouviram falar, até foi uma coisa que foi muito legal, é é ... Eu achava o cumulo as crianças não conhecerem e daí eu falei a gente vai lá na casa do figureiro, daí disseram não mais não tem transporte e eu gente mais e ali a gente vai a pé mesmo... Nós fomos a pé para a casa do figureiro e chegamos lá tinha... acho que

eram dois ou três alunos que tinham a avó, o pai que eram figureiros, só que tinham vergonha de falar que os pais eram figureiros, que o avô era figureiro, porque era uma coisa: como que eu vou falar que meu pai faz galinha de barro, entendeu? (PCA)

Este relato do participante PCA sobre as figureiras, artesões da cidade de Taubaté que fazem estátuas de barro, esses artesões são famosos na cidade a anos, conseguimos através deste relato ligar a uma citação “As memórias constituem a nossa capacidade de perceber e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos guardar. Elas são essenciais a um grupo porque estão atrelados a construção de sua identidade”. (IPHAN, 2013 p. 7)

A autora Freire (1997) que escreveu um livro sobre os Monumentos históricos da cidade de São Paulo escreveu em um trecho de seu livro sobre a memória coletiva. “Afinal, os monumentos são um dos suportes mais nítidos e socialmente compartilhado da memória coletiva”. (FREIRE 1997, p.45).

Ou seja, Freire demonstra com essa citação que os Edifícios Históricos servem como suporte para a memória coletiva da sociedade, assim como vemos na fala do participante C1. Também, a memória coletiva, essa questão do pertencimento, a questão afetiva. Então é tudo isso que falta para eles perceberem que são coisas que eles precisam cuidar e preservar, se não, não existe essa questão de memória coletiva, de pertencimento, de reconhecimento, de identidade, não vai existir.

E como falaram aí sobre o pertencimento, eu acho que só assim a gente dá valor, mas mesmo a gente não ter vivido aquilo a gente dá valor, pela história em si ne? Eu fiquei pensando aqui quando vocês falaram de pertencimento, por exemplo o Egito, aconteceu a milhões de anos atrás e todo mundo acha aquilo lindo até hoje e para os olhos de todo mundo aquilo é uma coisa magnífica, mas porque não pode ser um Egito aqui em Taubaté ne? Pegar aquele resgate histórico, aquele olhar que você tem, aquela cultura e colocar no seu dia a dia. (PAA)

Essa breve comparação do participante PAA sobre o Egito, onde a intenção foi ilustrar que nós como população mundial identificamos e concordamos a importância da civilização egípcia na nossa formação identitária, conseguimos ver essa relação em Le Goff (1990), que deixa explícito a participação da civilização antiga do Egito na sua perpetuação nos dias atuais, através de suas escritas e como na época elas serviam não só para gravar os feitos e conquistas realizadas, mas também para contar para suas gerações futura sua imponência como sociedade.

Vemos que o participante PAA deixa sua crítica em relação do porque não damos a mesma importância que reconhecemos dos Egípcios para localizações e Patrimônios próximos

de nossa comunidade, porque não usamos o exemplo deles para também perpetrar a história da cidade em que vivemos.

Para Choay (2010) os Patrimônios edificados ou Monumentos tem como uma das principais funções evocar as memórias do passado trazendo essas lembranças para o presente, além de fazer a sociedade perguntar-se sobre sua própria origem, a autora ainda descreve da seguinte maneira:

Mas, esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2010, p. 17-18)

Percebemos a relação da fala da escritora com o seguinte relato do participante P7a:

Porque constrói a nossa identidade ne? E saber o lugar que você veio, como ele se originou, como ele se formou daquele jeito. Porque as coisas que a gente vê hoje em dia tem um porque dela existir hoje, tem toda uma história por trás, então o fato de muita gente, inclusive eu que mora em Taubaté e não conhecer a história, de coisas importantes historicamente, ou estrelas como o Mazzaropi, não conhecer nada disso é apagar uma parte da nossa identidade porque é da onde a gente veio.

A teoria sobre a memória de Bergson apresentado por Choay (2011) é sobre como as lembranças são construídas a partir da percepção, do entendimento de cada pessoa em relação ao passado ou o futuro e que elas são conservadas na inconsciência de cada indivíduo. Para Halbwachs (1990), a memória é construída a partir de várias testemunhas, e que elas guardam consigo suas próprias opiniões e que junta as outras formam todo um contexto e uma identificação. Uma breve descrição.

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, podem descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nós lembrássemos de tudo aquilo. (HALBAWAHS, 1990, p.27)

Candau (2011) reforça a ideia de que as memórias são construídas, para ele as pessoas juntam e vinculam suas memórias para criarem uma única e é através dela que as pessoas se fortalecem e se organizam, o autor considera que é partir desta dinâmica que as pessoas criam memórias fortes e vigorosas.

Para Freire (1977), a memória se constitui a partir do afeto e neste processo os edifícios históricos ajudam a fortalecer e reafirma a memória e como se trata de uma construção ela pode ser reelaborada a partir das vivências da população.

Então assim eu acredito que está questão de reconhecimento da cidade, com atitudes simples, essa questão da educação patrimonial e tudo mais é muitíssimo importante e muito falha. As pessoas não conhecem, ninguém ensinou, tipo assim

as pessoas não tem obrigação de saber, mas quando essa questão patrimonial é bem feito isso acontece naturalmente, não é nada imposto. (PCA)

O Patrimônio Edificado é parte de algo que passou, estão ali para contar o que a sociedade já passou até chegar os dias atuais, eles estimulam a memória coletiva e a formação da identidade, mas o que exatamente essas duas teorias formam? O pertencer, o saber que nós fazemos parte de algo, de um local e que nos identificamos com ele, é o se reconhecer através dos Edifícios, é saber e entender como nos originamos, da onde viemos. O pertencer foi citado várias vezes, percebemos nas frases e situações dos autores.

Eu não impus aos meus alunos soubessem quem são as figueiras, qual o significado do Mazzaropi, eu não impus isso. Porém foi acontecendo naturalmente, para eles irem se reconhecendo, para não ter a vergonha de falar: que eu sou caipira, deles entenderem o que é ser caipira. Então, mas é muito mais essa questão do interesse, essa questão de valorização, de reconhecimento da cultura local, de reconhecimento do pertencimento, de conhecer o contexto histórico, tudo isso engloba. (PCA)

Para Choay (2011), os Patrimônios têm em sua materialidade a função simbólica de descrever como a fala ou a linguagem parte da história e que ela ajuda o processo de estabelecimento da sociedade. “[...] ele tem por vocação ancorar sociedades humanas em um espaço natural e cultural, e na dupla temporalidade dos humanos e da natureza” (CHOAY 2011, p. 12)

Bauman (2005) descreve que a formação identitária da atualidade está ligada ao pertencimento, e que por sua vez, a identidade dos indivíduos está ligada diretamente com a comunidade em que estão inseridos e para ele isso também faz parte da construção social.

Do mesmo modo Agier (2001) em seu texto relaciona a identidade com a cultura, como as culturas antigas influenciam na busca da identidade, pois na atualidade a comunidade busca através de sua história, sua origem, suas raízes as respostas da sua própria existência. Podemos observar a relação do pertencimento com os Patrimônios Históricos nos relatos dos participantes abaixo.

Eu vou usar a frase da professora que disse uma vez sobre aquele sentimento de pertencimento né? Se a pessoa sente que aquilo é dela, ela não vai estragar e nem colocar grades, porque eu já percebi isso, todo patrimônio histórico tem uma grade envolta. Então como que é que a pessoa vai sentir que aquilo lá é dela se tem uma grade envolta? Ela vai achar que aquilo lá é do governo, que é da prefeitura e acaba estragando isso. E daí quando tem essa aliança com a comunidade, essa união com a comunidade, com a educação também, trabalhar isso dentro das escolas, eles vão ter noção que aquilo lá é deles sabe? (P4a)

PCA, participante da entrevista relatou sua época dentro das escolas:

Dentro da sala de aula eu abordava muito com os meus alunos, eu dava aula do primeiro aninho até para o nono ano e depois para faculdade e tudo mais, então eu acho muito importante para que cria essa questão do reconhecimento, para gente valorizar o local que a gente tá.

E por fim o participante PAA:

Também relatou no grupo focal sua percepção sobre o assunto: Então isso tudo deve ser resgatado, para os cidadãos e até mesmo quem vai vir morar para cá, se pertencer, saber um porquinho da história e começar a falar dela. E eu acho que conversando vai se replicando, vai virado uma cadeia e uma sementinha que vai nascendo em cada um.

Percebe-se nos três relatos anteriores que eles ligaram essa relação do pertencimento, da valorização dos Patrimônios com a educação, que é através dela que a percepção da comunidade sobre os Monumentos pode ser alterada e que será de maneira simples e até mesmo lenta que será mudado a cabeça da população.

4.3. Patrimônio histórico na relação do indivíduo com a cidade

O Patrimônio Edificado faz parte da malha urbana de qualquer cidade. Todas as cidades do mundo passaram por mudanças e modificações, mas alguns edifícios históricos permaneceram no contexto modificado da cidade e será que eles são notados pela população?

Inicialmente quando tratamos sobre Patrimônio muitas coisas passam por nossa memória, pois a palavra em si é abrangente, porém existem duas definições simples das diferenças entre os Patrimônios existentes em nossas cidades e comunidades.

Para mim o patrimônio histórico é dividido em duas partes, o material e o imaterial. O material é aquele que a gente pode tocar e ver, como prédios, livros e entre outros, que faz parte de uma cultura de uma época que se vê perpetuando e o imaterial aquele que não pode tocar, mas podemos sentir, através de canto de roda, crenças como a 'Mula sem cabeça'. Então é algo bem amplo, acho que nós confundimos um pouco, pois o palpável é mais fácil de se entender e mais fácil de se preservar, talvez, pois o imaterial você acaba passando de geração para geração que pode ser perdido. (PAA)

Vemos a mesma descrição feita por Pelegrini e Funari (2009) o Patrimônio pode ser compreendido de duas maneiras, aquela passada por uma figura patriarcal dentro de uma família, como seus costumes, seus objetos e modo de se comportar e se relacionar em comunidade, sendo um ato individualista, tudo o que queremos passar para nossas gerações futuras. Interessante pontuar a fala do participante que explica de maneira simples e singela o que é o Patrimônio.

Qualquer coisa que você preserve é cultura. Eu não sou um acumulador claro, mas eu não gosto de jogar as coisas fora, entendeu? [...] Tem um amigo que veio do Rj para cá em 1972 parece e ele mora em Taubaté porque ele veio de fusquinha para

São José e o fusquinha dele quebrou na Dutra aqui em frente (apontou) e como o fusquinha quebrou e ele teve que parar no posto de gasolina e ele viu que a cidade que ele tinha parado é Taubaté. [...] Passou um tempo, em uma conversa com ele e ele me contou que a maior burrada era ter vendido aquele fusquinha, que deveria ter preservado o fusquinha que me trouxe para Taubaté, reformava ele, deixava ele aqui na garagem como um marco histórico. (JPi)

Nesta fala vemos uma explicação simples da simbologia do que é Patrimônio, obviamente um patrimônio particular como descrito por Pelegrini e Funari (2009), que diz que a noção sobre este conceito surgiu exatamente desta maneira. Os senhores passavam para seus filhos os seus bens mais valiosos, sua casa, seus engenhos, seus escravos. Porém podemos transpor isso para uma escala maior, onde o Patrimônio deve ser entendido como algo único, marcante e importante para a sociedade.

Assim como para Pelegrini e Funari (2009), quanto para Choay (2011), existe os Patrimônios coletivos, aqueles que são escolhidos por sua história e estética para auxiliar na construção da sociedade coletivamente.

Acredito que Patrimônio Histórico é uma construção que se valorizou muito em sua época, uma arquitetura diferenciada e é preservada, ou se tenta preservar por seu valor. Essa é a minha definição, algo que se destacou em sua época. (P2i)

E para Choay (2011) os Patrimônios são uma parte importante da história e para a sociedade, são construções antigas que transmitem os modos de vida, os costumes antigos da sociedade. “[...] não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.” (CHOAY, 2011, p. 17 a 18).

Patrimônio Histórico é algo que além de uma construção é uma cultura, algo que na época já era importante e que hoje se torna incrível, algo que se consegue perpetuar até os dias de hoje. (P1i)

E também na fala do participante P3a, que dá um exemplo próprio de um edifício da cidade:

Concordo, também penso da mesma maneira, o Patrimônio não é apenas só o prédio físico, não só sua forma, sua beleza, tem a questão da cultura e o social mesmo. Por exemplo o Estadão, um colégio estadual, um prédio que não tem uma estética linda ou diferente como vemos em outros prédios, mas faz parte da história de uma geração. Monteiro Lobato é um outro exemplo da cultura.

Ainda sobre Choay (2011) que aponta desde os primórdios, quando uma civilização invadia outras, muitas vezes eram preservados itens que eles consideravam importantes e que se perpetuaram até os dias atuais, então o questionamento que ela nos levanta é o porquê que excluímos os Edifícios antigos de nossas cidades? Porque não introduzimos eles em nossa

atualidade? Pois a cidade pode se modificar sem excluir os prédios históricos, como explicado por Freire (1977) no item que trata sobre memória, a construção pode ter sua contextualização modificada a partir das novas vivências de seu povo consigo.

É eu acho que os Patrimônios eles vão se renovando conforme as gerações vão passando, mas eu acho que o, não sei a palavra, mas o Patrimônio ele vai tendo novas vertentes do que ele era antes, entendeu? Como é o museu do Louvre. (P3a)

A autora Choay (2011) dá um exemplo simples da conservação do antigo com algo moderno que é o Museu do Louvre um exemplo clássico das grandes moradias das monarquias do século XVII, que se transformou em um Museu e que logo a sua frente foi construída como parte de sua construção uma grande pirâmide de vidro, totalmente moderna.

Acredito que é muito importante, porque conta a nossa história ne? E mostra como era antes e como está hoje, como se... meu professor postou esses dias a mistura da arquitetura com a natureza, e eu acho que é bem isso, a mistura da arquitetura antiga com a arquitetura nova ne? Então eu acho isso muito legal, por exemplo do lado da estação ferroviária tem uma Rodoviária, então mostra como a história mudou, antes era nos trilhos e hoje é na autoestrada. Então eu acho muito importante sim. (P3a)

Percebemos que a cidade e o edifício antigo podem compor o mesmo ambiente, as mudanças geradas na malha urbana não devem excluí-los e deixá-los isolados para que a população não os enxergue. O antigo e o novo podem estar no mesmo espaço sem que um tire a importância do outro.

Choay (2011) esclarece que os Patrimônios Edificados se encontram dentro da malha urbana, e durante o processo de crescimento e desenvolvimento de nossas cidades, muitas das vezes os edifícios são excluídos, como se fossem algo inexistente dentro da cidade, a autora nos alerta que devemos sempre os identificar como componentes dentro do mesmo contexto. Vemos essa percepção de mudança das cidades na fala:

É eu acho que é muito importante para poder enfim manter os Patrimônios, a história da cidade viva, que eu acredito que a história da cidade vai mudando, os costumes também vão mudando conforme vai passando de geração para geração. Mas acho muito importante conhecer sim para conhecer os costumes. (P3a)

Para Lefebvre (2001) a cidade é construída por conjunto de relações de pessoas com o espaço e tais relações interferem na dinâmica e na formação dos espaços urbanos, conforme a cidade se altera durante sua evolução isso para o autor ocorre porque a relação de seu povo também foi alterada. Observamos um paralelo na fala do praticante comparando com as mudanças na cidade de Taubaté:

E eu sempre digo Taubaté acabava a 20 ... 30 anos até o viaduto e depois ela cresceu tudo para cá, independência, essa região toda e se você fizer um paralelo, é como a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. A Barra da Tijuca cresceu, cresceu tanto, que se tornou tão importante quanto a cidade, cresceu em relação a progresso, de comércio, em teatro e cinema e pode se comparar ao centro da cidade. Então eu digo que essa região do viaduto para cá, é um paralelo com a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, veio crescendo, crescendo e quando você passa no viaduto da Av. Itália você olha para cá e vê uma outra cidade, essa cidade não existia. (JPi)

Ainda a partir dos posicionamentos de Lefebvre (2001), sobre a relação do homem com a cidade, é o elo emocional que as relações pessoais geram com a cidade, as pessoas começam a tratá-la com amor e a defende se for preciso, se cria assim a sensação de pertencimento, o entender que a cidade é sua e a história auxilia para essas construções.

E a gente fica vendo as coisas que aconteceram para chegarmos até aqui, foi através de muita luta. Eu me lembro que eu vi uma vez no museu, que D. Pedro I vinha para Taubaté, tem uma história dessa que ele veio e ficou em tal lugar, então assim a importância dessa agregação é muito importante. Os Taubateanos fundaram muitas cidades de Minas, inclusive a própria Campinas foram os Taubateanos que fundaram, então eles eram muito trabalhadores, lutavam pelos seus ideais, agora você vai ver é tudo prontinho. (P1i)

Para Freire (1977) os prédios arquitetônicos não estão presentes na malha urbana apenas para tamparem um buraco na cidade, eles possuem um propósito, através deles se constrói novas perspectivas e aprendizado, acaba alterando o olhar do cidadão e que pode se tornar referência naquele local. "[...] impor uma outra forma de ver a cidade e uma nova forma de construí-la." (FREIRE 1961, p. 118).

Para Lefebvre (2001) e Freire (1977) a cidade pode até ser comparada a uma obra de arte, pois ela não se encontra naquele espaço sozinha, possui toda uma composição, um prédio antigo dentro de uma cidade moderna e como para eles a cidade é formada por relações sociais, se a a proteção e o antedecor da história a cidade terá seus pontos preservados. "A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história [...]" (LEFEBVRE 2001, p. 52).

Como falei ajuda a construir a identidade da pessoa e porque são vestígios muito importantes da história de Taubaté, muito deles, incluindo a igreja do Pilar, a igreja do Rosário, então assim são igrejas muito muito antigas, como uma história muito grande dentro delas, mas a igreja do Pilar, por conta do seu estilo barroco colonial, a Vila Aleixo, a Estação Ferroviária, que vinha imigrantes de todo lugar, a conexão que existia com São Paulo, então são fatos históricos, então não é só um prédio tem todo um porque, tem detalhes ali que dever ser tombados. A gente tem que preservar futuramente para as crianças e a importância que Taubaté teve ne? E as mudanças que ocorreram ao longo do tempo e infelizmente não está sendo preservado em nada. (P7a)

Le Goff (1998) reafirma em seu livro a colocação de Lefebvre (2001) e as colocações dos praticantes ME – grupo A e P1 – grupo I ao dizer que existe uma troca de experiências entre

a cidade e seus habitantes e que ao passar dos anos através de acontecimentos importantes, ela vai se modificando e se adaptando, dando aos edifícios outros significados e usos.

Ainda sobre a relação da história da cidade com os Patrimônios, Motta (2020) aponta sobre a importância de darmos um novo olhar a cidade e transforma-la em um conceito que está sendo utilizado atualmente a de cidade-documento. Muitas cidades do Brasil possui um potencial histórico gigantesco e a população possui o direito de ter essa percepção e mudar o seu olhar frente a sua cidade.

Eu acho, que não só a história de Taubaté, mas acho que todas as pessoas deviam ter a obrigação de conhecer a história da sua cidade, porque isso é muito importante, a gente valoriza muito isso, porque você vai ver aquele povo passando por processo, tantas coisas. Hoje mesmo é o dia da Revolução paulista. Eu acho que deveria, seria muito importante pelo acesso, porque você só fala sobre aquilo que você conhece, não concorda? (P1i)

Também podemos observar o entender de alguns participantes em relação a parte urbanística apontado por Motta (2020), que fez sua pesquisa sobre os traços das cidades e que elas podem também ser consideradas como Patrimônio, pois faz parte da história da cidade e pode ser preservado todo um quarteirão ou parte da cidade.

Você sabia que o desenho da praça da CTI é inspirado da França? Onde aquela praça do meio se chama Largo da Estrela, Felix Guisard era francês ne? E parece que alguém da família dele veio aqui e falou para ele e ele deu um jeito de arrumar. E aquela praça da CTI é uma réplica do Arco do Triunfo. (JPi)

Choay (2011) define que o Edifício Patrimonial não deve ser apenas relacionado a sua estética, não são apenas os casarões antigos, as igrejas, podemos considerar as malhas urbanas, um quarteirão como um todo, qualquer item que fez parte do passado e que ajuda a contar e explicar o hoje, o agora.

Podemos considerar um Patrimônio uma praça, um edifício muito antigo, como casarões e quando se é reconhecido a sociedade tem o dever de cuidar, obrigação. Vemos muitos prédios antigos pichados e vandalizados. (P3a)

Já o participante PAA, diz:

Eu acho que a gente leiga reconhece patrimônio mais as igrejas por ser antigo, casarões, eu acho que mais pela característica, pela arquitetura diferente e as vezes algo abandonado, a gente acha que aquilo lá é velho e por algum motivo está abandono, infelizmente.

O Patrimônio vai muito mais além do que apenas a sua parte estética como colocado por Choay (2011) anteriormente, Freire (1977) aponta que esses edifícios têm como papel primordial a sua materialidade no espaço, que possui uma simbologia, sua temporalidade, uma

história, os materiais que foram utilizados para sua construção, possui todo uma composição de vários itens para ser considerado um Patrimônio. "Como objeto arquitetônico, representa um marco na cidade, projeta no espaço uma determinada concepção de tempo." (FREIRE 1961, p. 118).

[...] É uma dificuldade de ampliar o pensamento, então eu vejo muito essa dificuldade de entender o quanto o Patrimônio é importante e assim muitas vezes eles querem consertar, modificar uma forma que acaba destruindo tudo, tipo a Bica do Bugre, que tinham feito lá um cercado, não sei lá, fechou lá, pintou de dourado o treco lá, umas coisas assim que não tem cabimento. Então é aquilo eles querem mudar, querem consertar, achando que a estética que importa e não é a estética. [...] Não é uma questão se é bonito ou feio, a gente quer que eles conheçam, que aquilo faz parte da cidade e depois se lá para frente vocês conheceram daí sim vocês vão criar, falar se é bonito ou feio, se você gosta ou não, mas primeiro você tem que conhecer. (PCA)

A história da humanidade se encontra dentro das nossas cidades, elas estão ali em casas antigas, em igrejas e muitas vezes abandonadas, sem manutenção ou até não consegue realizar aquilo que lhe for encarregado, auxiliar do reconhecimento da história.

Freire (1977) traz em seu livro que nos dias atuais os conteúdos existentes nas cidades se tornaram banais aos olhos da sociedade, as pessoas vivem em uma velocidade tão alto que não consegue observar o que está a sua volta e que ao fazerem isso e notarem os edifícios históricos perceberão que ele transmite ensinamentos e conhecimento apenas através da sua materialidade.

Conhecer a cidade, uma crítica que eu tenho em relação a educação, é as vezes gente se pega tanto a contextos etnocêntricos que a gente deixa de trabalhar aquilo que realmente interessa, essa questão do reconhecimento, não que não seja importante essas coisas, é importantíssimo saber sobre o contexto, mas existe um momento que precisamos saber sobre o lugar que nós estamos e as pessoas não sabem. (PCA)

E como explicado anteriormente só se consegue preservar algo para o futuro se falarmos, nos expressarmos, se reunirmos memórias afetivas para criar um conceito único de preservação, é através do ensinamento que conseguiremos realizar tal efeito.

[...], mas ele também tem que conhecer a importância daquilo, eu acho que a principal função é você perpetuar aquilo, como uma sementinha, você ensinar para o seu vizinho a importância daquilo e principalmente para as crianças, ensinar a importância daquilo e porque tem que ser preservado e dar o devido valor para aquele lugar. Se mais pessoas tivessem o mesmo conhecer, talvez estaríamos conversados com uma cidade inteira reunida para poder conservar aquele lugar, eu acho que é nesta questão que a gente tem que bater, na educação, eu sempre insisto nisso, porque eu acho que é a porta de tudo. (PAA)

Na fala do participante P3a, observamos a preocupação na preservação do que consideramos Patrimônio e que a sociedade não deve apenas deixar na mão das autoridades e sim levar para si a responsabilidade.

Então o dever da sociedade é cuidar, muita gente acaba culpando as autoridades, que elas não fazem nada para preservar, mas a gente mesmo também não faz nada. O prédio está lá e eu estou aqui e o que tem no meio do caminho? Então acredito que é um dever das autoridades sim, mas nosso também.

Podemos verificar está preocupação em Silva (2010) que ao abordar a relação entre o Patrimônio e a cidade, observa uma relação de poder, onde a cidade está em contato direto com a sua população, de modo que deveria organizar a vida urbana para proporcionar diversidade cultural, com políticas públicas direcionadas a este campo, ter estratégias para a solução de problemas urbanos, tornando a cultura acessível a todos.

É por isso que eu acho a história importante, eu vejo que a história está morrendo sem investimento, cada dia mais e para os nossos governantes isso não é importante, mas na verdade é, imagina você viver sem saber sua identidade, de onde você veio, porque que está assim, você entender o presente. Enfim eu acho que deveria ter políticas públicas voltadas para a cultura, até porque sem a cultura a gente não é nada. (P4a)

Por fim, umas das questões apontadas pelos participantes é a requalificação dos ambientes, o que significa, dar um novo uso para prédios desativados e que possuem história, para que eles possam ser visitados, mantendo sempre a sua conservação externa, sua fachada e mantendo no seu interno aparente alguns itens da sua construção, seria uma maneira de preservação.

Eu gosto porque eu acho bonito, eu gosto, acho interessante. Outra coisa que eu vejo não tanto pela beleza, porque é bonito, é o colégio Lopez Chaves, sabe quem fez a escola? Euclides da Cunha que construiu aquele prédio, então o fato dele ter feito aquele prédio, não é o mais bonito da cidade, mas é um prédio interessante. Porque não coloca uma repartição pública ali? Fazer um Museu? Uma academia de letras seria interessante? Eu acho muito importante esses novos usos porque preserva o Patrimônio e usa para outra coisa, lá em São Paulo aqueles moinhos viraram tudo casa de festa, buffet, muito bonito, coisa antiga, fora aquela frente antiga preservada e toda a sua estrutura interna, só que com o espaço (gesto de aberto). (JPi)

E também na fala da participante P7a, sempre citando partes da cidade em estudo, Taubaté.

Eu acho que é um prédio tão bonito, tanto ele quanto a estação ferroviária que eu acho eles lindos, que podem assim... ter uma utilidade, se a prefeitura fizesse um restauro, cuidar realmente do Patrimônio teria como ele ter uma utilidade, mas na prefeitura não olha para os patrimônios tão importantes que a gente tem.

Percebe-se a relação entre os indivíduos e a cidade estão ligados ao Patrimônio, já que ele está sempre presente na malha urbana, Freire (1977) aborda algo muito interessante em seu livro, que é o caminhar na cidade, para compreendê-la melhor, é um simples ato que pode fazer uma diferença enorme no dia-a-dia, no olhar para com a cidade e principalmente perceber e ver os edifícios históricos, os autores trouxeram as vantagens que eles trazem para a sociedade e através dos relatos percebemos que as pessoas compreendem seu valor.

4.4. Preservar para quem e para que?

Um das perguntas desta dissertação é porque se deve preservar, qual o intuito e a importância deste ato para a comunidade e para quem devemos fazer isso. Quando nos questionamos sobre para quem devemos preservar, logo nos vem à cabeça a mais imediata resposta, para as gerações mais novas, mas será que elas realmente estão interessadas?

A parte histórica da cidade de Taubaté, sobre o convenio de Taubaté, sobre a formação. Mas por parte dos meus avós que contam bastante de coisas que aconteciam mais na cidade, o que eles faziam e como era e como é hoje. (P3a)

A partir deste relato entenderemos a motivação sobre o passar para gerações futuras, pois é através do olhar de quem já viveu que eles terão a memória afetiva trazida anteriormente por outros autores e assim ter a vontade de entender e compreender o Patrimônio. “As gerações constituem-se em espelho diante das outras, mas cada uma tem seus próprios interesses e maneiras de pensar. Daí a importância da memória e da lembrança como instrumento de valorização pessoal e de segurança [...]” (NOVAES, 2005, 14)

Para Ferrigno (2010), a sociedade é constituída por etapas e suas faixas etárias e cada um tem o seu lugar, as crianças são aquelas que precisam de cuidado e atenção, os jovens todos envolvidos na tecnologia e a preocupação nas construções afetivas, os adultos são os que cuidam de tudo e de todos e os idosos muitas vezes esquecidos, perdendo cada vez mais seu lugar de fala. Porém como não existir uma cooperação entre essas faixas etárias, não há essa possibilidade, pois elas conversam entre si, precisam disso, pois seres humanos são feitos de relações.

Eu acho que não tem como viver sem a integração entre gerações, é automático né, uma coisa segue a outra. Então veja bem, toda cidade que a gente vai a gente é turista né? O guia leva a gente para conhecer um lugar interessante, ele não leva a gente para conhecer uma fábrica de sorvete, ele leva a gente para conhecer um lugar interessante. Esses pontos que colocamos da cidade de Taubaté, se eles forem atrativos você terá isso que você está me perguntando a integração daquilo

que é antigo com o que é novo e preservado e as pessoas convivendo com aquilo ali. (JPi)

Cortella e Bial (2018) trazem uma discussão da atualidade, onde a geração mais jovem por conta da grande aceleração que a tecnologia traz, acaba passando por cima de fatos e coisas importantes de gerações mais velhas, pensando apenas no hoje, nunca no futuro ou de quem está ao seu redor, pois junto com a internet e a tecnologia vem o imediatismo. “Volto, então, a minha hipótese em relação ao que você falava: essa tecnologia da instantaneidade, que é absolutamente decisiva como instrumento de serviço, quando adotada como um modo de existir, é danosa”. (CORTELLA E BIAL 2018, p. 61).

Eu vejo que o jovem não tem mais paciência com os idosos. Meu avô mesmo, eu sei que eu não sou mais tão jovem assim, mas ele conta as mesmas histórias de quando eu era pequena e o jovem com todo esses imediatismos que a globalização traz, cada vez menos tem essa propensão de escutar. (PCA)

Ferrigno (2009) traz a discussão também sobre a aceleração da atualidade e que e por conta disto que está ocorrendo o conflito entre as gerações. “O distanciamento social entre as gerações é um dos mais notáveis fenômenos dos tempos atuais. Na sociedade moderna facilmente constatamos a compartimentalização das faixas de idade”. (FERRIGNO 2009, p. 63).

Como podemos ligar este contexto da tecnologia com o ato de preservar do Patrimônio, qual seria a relação? Os jovens estão absurdamente voltados para seu mundo virtual, dando mais importância a ele, do que voltar sua atenção para o que realmente importa. Porém se os jovens estão mais preocupados com si, como se importar com aqueles que já estão velhos?

As pessoas mais velhas veem com um olhar diferente eu acho, esses Patrimônios mais antigos e a nossa geração, o povo mais jovem não entende, não liga muito, porque quando nasceu aquilo já estava desativado. Então eu acho que a gente não tem esse sentimento sabe? A gente que estuda história meio que entende, mas tem muita gente jovem que não liga porque não tem essa memória, porque nasceu e aquilo já estava daquele jeito. (P6a)

Observamos a fala do participante P2i:

Tem logica, porque se eu conto para o meu neto que o Estadão é um Patrimônio ele fala: o que é isso? Ai vó que nada haver. Mas é o que você falou, você não cresceu ali, não tem história ali, você só vai ter sentimento naquilo se seu pai, sua mãe contar sobre aquilo, mas você jovem hoje que não viveu não vai ser a mesma coisa, claro ne.

Os participantes logicamente relacionaram a relação entre gerações com o ensinamento sobre os Patrimônios, porém com as análises já descritas por estudiosos, consegue-

se alinhar a relação das gerações com a preservação dos Edifícios históricos e a importância de mudar o contexto da atualidade.

Os escritores Le Goff (1990) e Halbwachs (1990) nos explicam que a chegada da modernização trouxe consigo um grande desafio, a carência de memória coletiva, e a busca da sociedade para compreender suas origens. Para os autores só existem duas maneiras simples de buscar sobre a história da humanidade, através de livros escritos por pesquisadores, antropólogos e historiados e através de falas e a relação entre as gerações da sociedade.

Os estudiosos voltam sempre para ao mesmo princípio, ao passar de geração para geração. Para compreender melhor o quão importante é este ato, é só pensarmos que antigamente só existia duas maneiras de passar os costumes de uma sociedade, seriam elas através da escrita e através do passar para gerações futuras. O ato do mais velho transmitir seu conhecimento para o mais jovem, apenas destas formas a comunidade conseguia se perpetuar por séculos. Podemos observar essa preocupação e esse ato de transmitir até os dias de hoje, através do relato do P1 – grupo I:

Essa questão de geração para geração é muito importante, se não a cultura morre, eu me lembro das histórias que a minha vó me contava e ficou na minha memória algumas coisas que eu tento passar para os meus netos. Às vezes eu fico: como é que foi aquilo mesmo o João Valentão? Mas eu não consigo me lembrar de tudo, mas eu me lembro e meus netos ficam com os olhos arregalados assim ouvindo e eles ficam querendo saber. Então eu acho isso muito importante sim.

E também na fala da participante PCA:

Eu falo isso por experiência própria, como eu te disse em atitudes simples, por exemplo você leva as crianças para conhecer a casa do Figureiro, gente é pertíssimo, eu estou dando a eles olha o valor que sua vó tem, olha o valor que a sua cidade tem, olha onde sua escola está localizada, aqui na frente é um rio não é um esgoto, é um rio ele tem história, então eu acho que tudo isso faz parte desse contexto. Daí quando nós mudamos esse contexto, quando fomos até lá, eu descobri que a menininha fazia aulas junto com a avó, a vó a ensinava, olha a importância de se manter a tradição e tudo mais. E o menino que fazia muito tempo que trabalhava com o pai, só que ele tinha vergonha de falar. E daí nós fizemos o contrário, eu falei que agora vocês vão dar aula para os amigos, daí nós compramos argilas e eles ensinaram como que fazia tudo, foi super legal, mudamos totalmente o contexto.

O estudioso Ferrigno (2010) volta seu estudo para a cooperação entre as gerações, que através de atividades de integração, ocorre o compartilhamento de ações e sabedoria e não uma hierarquização de sujeitos no poder da fala. “O outro é um universo capaz de surpreender. [...] o relacionamento entre os idosos e os mais jovens enriquece igualmente as partes, trazendo-lhes ideias e oportunidades renovadas”. (FERRIGNO 2010, p. 15)

O meu filho ele tem 8 anos, eu não vi isso em história, na minha época vamos dizer assim, sobre Patrimônio Histórico, material e eu acho isso muito interessante

para a geração dele que está vindo. Da importância do patrimônio, de como preservar, porque conservar, então acho isso muito interessante, colocar isso na geração que está vindo aí, as crianças. A importância disso e porquê disso ne? Acho que tendo mais consciência a gente consegue preservar melhor também. (PAA)

A formação da nossa identidade pode estar ligada diretamente do relacionamento entre gerações, o contato e o encontro com pessoas mais velhas podem auxiliar na transmissão cultural, no reconhecimento e pertencimento da sociedade. “As gerações constituem-se em espelho diante das outras, mas cada uma tem sus próprios interesses e maneiras de pensar. Daí a importância da memória e da lembrança como instrumento de valorização pessoal e de segurança [...]” (NOVAES 2005, p. 14)

Eu sou descendente de italiano e a avó da minha mãe veio da Itália ne, e na minha casa sempre teve muito isso de fazer tudo na mão, tipo massa, paçoca e enfim. Minha vó ela faleceu já faz 2 anos, mas ela sempre fez muita questão de passar isso para os netos e para minha mãe, então hoje a gente sabe fazer nhoque, sabe fazer massa, sabe fazer muitas coisas graças a ela. (P3a)

Vemos a conexão do participante com um integrante mais velho de sua família e sua ligação com as tradições, Bosi (1994) fez toda uma pesquisa com a população idosa e para ela a comunidade não percebe que possui integrantes que são importantes para a formação da sociedade em geral, que os idosos são testemunhas vivas de acontecimentos históricos e que eles podem contribuir para a formação de uma memória social. “ Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso”. (BOSI 1992, p. 309).

Então eu acho isso muito legal, conhecer e entender como era o ponto de vista deles e como é o nosso, porque eu tenho uma percepção da cidade diferente do meu avô que falava que antes era só mato ne? Então eu acho isso muito legal, porque são percepções diferentes da cidade. Logico que hoje temos algumas facilidades, tipo o bolo antes se batia na mão, hoje tem a batadeira, mas é como a história vai mudando, mas acho que a essência continua a mesma. (P3a)

Bosi (2013) reflete em sua trajetória a fala do idoso e sua importância para a formação da sociedade, para ela o narrar do idoso é muito mais valioso e intenso do que a narrativa de um livro. O sentimento que eles colocam em suas falas potencializa muito mais um fato histórico, do que apenas ler sobre o acontecimento. “É a história de um passado aberto, inconcluso, capaz de promessa. Não se deve julga-lo como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se podem arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado”. (BOSI 2013, p. 32)

Por exemplo, meus avós sabem como um dia foi a Capela do Pilar, como era a Igreja do Rosário e tudo mais, mas esse povo mais novo passa por lá e vê um monte de coisa fechada e tipo assim não existe nada, não sabe nem o que acontece, não sabe nada dos prédios aí da cidade históricos, tipo... não existe ninguém que sei lá saiba fazer uma visita técnica na cidade, não existe alguém que faça isso. (PCA)

Podemos alinhar essa análise da escritora com P7a, que nos diz:

Eu acho que os idosos são pessoas importantes nesse processo, eu gosto de dizer que eles são os arquivos vivos né? A gente mexe com arquivos, lemos livros, mas não é nada comparado com uma pessoa que viveu, que viu aquilo, então colocar essas pessoas para ter voz para falar para sociedade como era, como se tornou, o porquê mudou, é muito importante, é a questão da História Oral, mais viva, mais humana, mais cultura, mais próxima.

Vemos a importância da fala dos idosos para a mudança de contexto das novas gerações, a cooperação entre as gerações traz para sociedade um benefício grandioso. “Para que uma coeducação se realize, é preciso que as interações sociais se travem sob uma premissa básica: igualdade de direitos e respeito as diferenças”. (FERRIGNO 2010, p. 18)

Eu também acho que passando de geração para geração, as gerações futuras é cultivar aquilo que é importante para sociedade, um prédio, uma instituição, casarões que são Patrimônio Histórico, porque nós não somos nada sem história, não vivemos sem ela. É muito importante você mostrar para a nova geração, eu mostro para os meus netos algumas coisas e eles ficam encantados. (P2i)

Para o participante PCA, que fala sobre os idosos:

Também tem a questão do idoso falar que é importante, mas a gente saber o porquê que é importante, então é toda uma tarefa em conjunto, colocar o porquê que é realmente importante, contextualizar tudo isso e fazer todo um trabalho para ampliar isso para fazer com que outras pessoas queiram fazer investimentos nisso, investimentos louváveis não colocar grade na Bica do Bugre, pintar de dourado, coisas assim.

Vemos este trabalho já sendo realizado desde os anos 1990 por estudiosos que tentam compreender essa relação das gerações e percebem que através dela os conflitos se cessam e se cria laços de solidariedade e cooperação. Com essa perspectiva começou a surgir movimentos institucionais que promovem essa integração entre o jovem e o idoso, explica Ferrigno (2009).

Mas o grande questionamento para que devemos preservar? Os Patrimônios fazem parte da formação cultural da sociedade, através dele as pessoas criam seu sentimento de pertencimento, compreendem todo o processo e evolução da humanidade. A cultura ela forma pessoas e está dentro dos direitos do desenvolvimento humano de cada indivíduo.

Nesse momento de pandemia as pessoas não entenderam que tudo que eles fizeram na casa deles só foi possível por conta da cultura e a arte, a televisão, o rádio, internet, jogo e tudo mais, tudo é arte, tudo é cultura e as pessoas não conseguiram

entender o quanto é importante, o quanto isso faz parte da vida. De novo aquela questão do pertencimento e tudo mais. (PCA)

Na área social, assim como descrito por Silva (2010) a cultura tem como principal função a construção dos sentidos, através de ações conjuntas entre a política, a economia e a as instituições ao ponto de transformar e melhorar a qualidade de vida da população.

[...] na verdade foi o que eu falei, essas pessoas que assumiram a cidade não têm essa visão dessa questão de pertencimento, de reconhecimento e daí vemos o quanto essa questão é falha. (PCA)

Podemos ver a ligação no descrito sobre a cultura, onde o Patrimônio Edificado por sua vez está ligado diretamente as manifestações culturais, já que definição de cultura é ampla, vasta e inclui bens materiais, “na maior parte das vezes, esse termo se presta a caracterizar formas de comportamento humano, as quais podem dizer respeito à identidade, aos costumes, às memórias e aos valores a serem preservados na sociedade”. (SILVA, 2010, p. 106).

Não visando apenas o turismo, mas sim as pessoas da cidade mesmo, a gente poder dar uma visibilidade maior para a cultura e aos prédios culturais, é uma transmissão de cultura, porque é mostrar o que Taubaté é, como Taubaté foi e o porquê da importância de tudo, todo o contexto histórico por traz, já é uma disseminação de cultura. Então é muito importante, e não só para gente, mas para pessoas de fora. Taubaté foi muito importante e ainda é para o Vale do Paraíba e o estado de São Paulo, só que é totalmente desvalorizado. (P7a)

Para Silva (2010) a cultura é tão importante quanto a saúde e a educação e que ela também é um ponto fundamental para o desenvolvimento humano, a cultura também é um objeto emancipador, “[...] compreende-se a dupla configuração da cultura como dever e como direito constitucional”. (SILVA, 2010, p. 107).

Podemos entender a conexão de Silva (2010) na simples frase do praticante PCA, que disse: Já dizia Mario de Andrade a cultura é tão essencial quanto o pão.

Acho sim que os monumentos que contam a história de um povo, são marcas da história [...]. Aqui tem cada casarão lindo que poderia ser colocado coisas voltadas a cultura, as figureiras, as bordadeiras. Eu acho que a cultura de um povo nunca vai morrer porque sempre vai ter gente com vontade de conhecer. E acho que a gente em alguma parte desse país deve dar o pontapé inicial e ser modelo, dessa cultura, desse guardar, desse preservar. (P1i)

Esse apropriar do que já temos, a cultura, vemos na fala de Silva (2010) que nos diz que ao se tornar mais ativo no campo da cultura, as pessoas se tornam mais ativas em seus próprios direitos como cidadãos, também conseguem criar senso crítico e um entendimento maior de como devem seguir suas vidas de maneira mais satisfatória.

Vimos anteriormente através do relato do participante C1 a importância de ensinar através da educação as crianças e os jovens para gerar a consciência neles, já que muitos adultos não tiveram a mesma oportunidade. A preservação do patrimônio também está ligada a cultura e a população tem o direito de tê-la em seu desenvolvimento como indivíduos da sociedade, assim descrito por Silva (2010), que diz que a cultura também é um direito da população e fortalecedor da cidadania.

Mas assim, são construções ne? Conhecer a cidade, uma crítica que eu tenho em relação a educação, é as vezes gente se pega tanto a contextos etnocêntricos que a gente deixa de trabalhar aquilo que realmente interessa, essa questão do reconhecimento, não que não seja importante essas coisas, é importantíssimo saber sobre o contexto, mas existe um momento que precisamos saber sobre o lugar que nós estamos e as pessoas não sabem. Então isso é um problema que está lá na base, lá na educação e daí nós conseguimos perceber que a educação começa a permear em tudo, então assim, isso é uma construção que deveria ter. (PCA)

Vimos a mesma reflexão em Bosi (1992) que ao explicar sobre as mais variadas culturas no fim resume que todas as culturas devem ser mostradas na base de tudo, que é a educação, levar toda essa preocupação sobre a cultura para dentro das escolas, é através dos pequenos que poderá ter o início de uma mudança.

Então acredito que a principal maneira dessa transmissão, uma sensibilização começaria lá traz na escola e seria estendido para dentro de casa. As vezes as crianças chegam e fala: a vó minha professora falou do Mazzaropi, a vó minha professora falou da casa das figureiras, daí isso tudo puxa um gatilho, uma lembrança, isso que deveria ser, a gente não pode responsabilizar só a família neste momento, existe toda uma questão educacional, de políticas públicas e tudo isso que a gente sabe que envolve que na minha visão de profissional, de professor, de pesquisador de Taubaté ne? Não existe mais, não vai existir mais e não tem interesse de existir. Não sei qual o pensamento deles, a política de Taubaté, não consigo entender nem o que eles querem. Então a gente só responsabilizar uma parte não funciona, é todo um conjunto. (PCA)

Entramos aqui em uma outra perspectiva, o prover da cultura também envolve as políticas públicas, para Chauí (2006) o Estado não deve ter o papel de promovedor da cultura, apenas deve facilitar o acesso a população.

Já para Silva (2011) a enraizado no Brasil a muitos anos a falta de vontade do poder público em investir na cultura, que acabam na verdade promovendo a indústria da cultura que é contra o desenvolvimento humano. “[...] não só porque estes operam com o consumo, a moda e a consagração do consagrado, mas também porque reduz esta forma da cultura a condição de entretenimento e passatempo, avesso ao significado criador e crítico das obras culturais” (CHAUÍ, 2006, p. 135).

Eles deveriam ter uma política para conservar, daí é entra a questão dos profissionais, existiriam aí é pelo menos na minha cabeça, mas eu sei que é possível, existiria várias parcerias com Universidades, com empresas que poderiam estar fazendo isso. Por exemplo a Igreja do Rosário na época que... são uma igreja tombada, eu sei que você não pode chegar lá e tacar cimento, para mim não é assim que funciona, parece até pilantragem e o povo desconhece e daí cadê a ação ali das políticas públicas, vamos atrás do Iphan, para que o Iphan saiba que isso ou aquilo está caído, eles precisam de um documento, de um requerimento, todo um processo e isso não existe. (PCA)

Para Chauí (2006) o Estado não deve carregar para si que ele é o único provedor de cultura, mas que ele também faz parte do desenvolvimento e da história do país e que por isso deve oferecer o mínimo de condições para o acesso da população. “É produto da cultura e não produtor de cultura. E um produto que exprime a divisão e as multiplicidades sociais”. (CHAUÍ, 2006, p. 135).

Depende do poder público, o quanto eles querem investir para dar um novo olhar para a cidade, um novo sentido mesmo, preservando os pontos históricos, trazendo turista mesmo. (JPi)

A participação da população frente ao tema da cultura também faz parte da melhoria a ela, como descreve Silva (2011), desta maneira as pessoas conseguem desenvolver o seu senso crítico, tornarem vozes ativas na sociedade. Porém a um agravante sobre a participação mais efetiva da população que é o impasse do poder público, é o não querer que isso acontece, é a não vontade de mudança vinda pelo Estado e principalmente a grande corrupção que envolve todo o país.

Alguém que tenha coragem de mudar a visão da coisa, transformar a cidade de Taubaté que é histórica, renascer a história que já está aí, é só mostrar, porque tem potencial. Preservando todos os Patrimônios que eu já falei e fazer do mercado uma cidade velha, abrir para shows, restaurantes, tudo voltado para o turismo. Imagina a Rua Jorge Whinter, tirar todos aqueles fios de eletricidade, tirar as placas das lojas e deixas as fachadas arquitetônicas originais, todo mundo ia entrar naquela rua e ia se surpreender. (JPi)

Outro ponto muito falado durante as entrevistas é a relação da Cultura, o Patrimônio com o turismo, para muitos só se consegue fazer a sociedade dar atenção aos edifícios culturais quando esses são voltados para o turismo.

Primeiro pelo ponto da economia, vai movimentar a questão do turismo que acaba movimentando o setor cultural, mas acho que vai ajudar muitos os Taubateanos a conhecer a história. Assim eu conheço por cima também, agora na faculdade que estou vendo bem mais coisas. Mas se abrisse os pontos de visitação, além de restaurar não ia deixar as coisas caírem aos pedaços como está hoje também enfim ia movimentar o setor cultural da cidade. (P3a)

Os Patrimônios materializados são manifestações culturais presentes em todas as cidades do mundo e depende da população enxerga-los e tomar para si o cuidar. A cultura faz parte do direito de desenvolvimento dos cidadãos e por isso deve ser promovida seja pelo poder público ou por meio de manifestações da população em busca disso. Não podemos deixar de salientar a importância da perpetuação dos edifícios históricos através das gerações, pois se isso não acontecer eles serão destruídos no futuro e todo o sentido de formação de identidade se perderá.

4.5 - A relação de Taubaté com seu povo

Neste último mostraremos a relação de Taubaté com o seu povo, o que sua população se recorda sobre a história, o que mais os afeta em relação a seus edifícios históricos e o que a cidade representa para eles.

Uma curiosidade sobre a cidade pontuada por um dos participantes, é a efetiva participação do exército na segunda guerra mundial, onde por ela possui espalhados postos para a locação de veículos.

E me lembro também, para você ter uma ideia de quanto eu lembro de Taubaté, de quando a gente via de Redenção para ir no hospital ou qualquer coisa de saúde, íamos no Hospital escola, antiga Santa Isabel e agente via a pé da Av. Nove de Julho e na esquina da Rua Barão com a Nove de Julho, tinha um lugar que sai tanques e caminhões do exército, aqueles soldados todos armados e eu adorava ver eles todos caminhando, andando em Jeep, aquela movimentação toda, onde hoje é aquela agencia de automóveis e daí um dia eu vim para cá, olhei e olhei e não tinha soldado e minha tia conversando com a minha vó, eu puxava o vestido dela perguntando onde está o Jeep, o caminhão de soldado, daí ela falou: foi para guerra e morreu tudo e daí eu que eu fiquei sabendo que ali era um posto do exército durante a guerra, isso foi em 1944 - 43. (JPi)

Um dos pontos marcantes história de Taubaté é sua trajetória na época do café, localizada próximo ao estado de São Paulo, seguindo o fluxo de progresso que o país passava, possuía nesta época muitas fazendas de café em sua localidade, sendo uma das maiores produtoras de café do estado, assim descrito por Prado (2005).

Mas tarde com a chegada da industrialização do país, em 1891 é fundada na cidade a Companhia Taubaté Industrial (CTI), fundada por Felix Guisard, marcava então o ingresso da cidade nos tempos modernos.

Sobre o café e a indústria, principalmente sobre a CTI que foi mais aprofundado, a história dos imigrantes que vieram quando tinha a produção de café e acabaram depois entrando para dentro da indústria para trabalhar na fábrica, tivemos acessos a alguns documentos de pessoas que trabalharam ali, então era muito forte e até hoje a gente tem o sinal da CTI, tocando três vezes ao dia e como isso é muito presente em pessoas próximas, um bisavô ou o avô que acabou trabalhando ali e

além que se constituiu a comunidade Italiana em Taubaté, eu também acho isso bem interessante. (P7a)

E a importância de Felix Guisard, que auxiliou não só na mudança da virada do rural para o industrial a cidade, mas também a grande geração de emprego fornecido por ele na abertura de sua fábrica e como era um homem além de seu tempo, foi o primeiro a empregar o sistema trabalhista na cidade, além de empregar mulheres dentro de sua empresa, como descrito por Abreu (1985).

Eu não sabia que a CTI o Felix Guisard, era a segunda maior indústria de tecido do Brasil e uma coisa interessantíssima ele empregava mais mulheres do que homens e o salário delas não era equiparado com o deles, mas era pouca a diferença vendo a época. Então a gente vê que naquela época o cara como empreendedor já tinha uma cabeça diferente, é a cultura. E ele conseguiu mudar, Taubaté teve um bum na indústria por conta dele. (PAA)

E a valorização da indústria através da memória do participante JPi, que teve a oportunidade de trabalhar dentro da fábrica. Ele diz:

Em Taubaté ali onde é aquele prédio. O banco do Sicobi, era a parte alta da CTI, a parte da tecelagem, onde transformava o algodão entrava naquela máquina e tec tec tec e saía aqueles fios ne? E depois eles enrolavam tudo em uma carrocinha e levava para outra área colocava em uma máquina e tec tec tec, hoje como que vai passar aquela carrocinha, não rem com mais ne? Mas poderia ter deixado o prédio lá preservado. Tem a chaminé até hoje lá.

Sobre os pontos marcantes da cidade temos a igreja do Pilar, localizada no centro da cidade, começou a ser construída em 1725 e inaugurada vinte dois anos após seu início. Patrimônio tombado pelo IPHAN e pelo CONDEPHAAT, possui sua planta em forma hexagonal, feita toda de taipa de pilão. Por conta da degradação ocorrida em seu interior começou a ser utilizada para algumas exposições, porém hoje fechada.

Eu lembro que quando eu era criança a igreja do Pilar estava aberta e eu acabei entrando lá dentro e era lindo, todo aquele estilo antigo, barroco e colonial. Mas eu lembro que mesmo sendo muito bonita por dentro realmente já estava caindo e pouco tempo depois foi fechada e está daquele jeito ne? (P7a)

E a incredulidade de alguém que viu aberta, teve contato com a capela, viu de perto sua degradação e hoje a vê fechada, na fala do participante PCA:

A minha maior coisa é a Capela do Pilar, que até me arrepiava de pensar que aquilo lá está caindo, a Igreja do Rosário, ela tem uma rachadura enorme que pode cair a qualquer momento na cabeça de alguém. Então a Capela do Pilar quando eu estava fazendo meu mestrado era o Museu da Arte Sacra mesmo estando fechada. Antes dela fechar tinha uma goteira encima de uma imagem de Nossa senhora da Conceição de madeira do séc. XVIII, então assim, um monte de cupim. Então envolve muitas coisas sabe? E não existe um olhar diferenciado para isso, não existe projeto que pense nisso, não existe essa questão... É claro que a gente sabe

essas questões de tombamento e tudo mais, mas é um processo longo, um processo que exige profissionais qualificados para isso, mas eu penso que inúmeras coisas poderiam ser feitas em relação a isso, inúmeras né? Porém a cidade não consegue se organizar nem com coisas muito básicas.

Um dos principais fatos da cidade é o Sítio do Pica-pau Amarelo, história essa criada por Monteiro Lobato, onde vivia vários personagens carismáticos, brincalhões e excêntricos. A cidade de Taubaté é a terra natal de Monteiro Lobato, o escritor infantil mais conhecido do país. A cidade então ficou conhecida como a capital da literatura infantil, assim descrito por Prado (2005).

O Sítio do Pica-Pau Amarelo que eu tenho uma tristeza em ver aquele Patrimônio, um Patrimônio mundial, acho que todo mundo conhece a história do Sítio, do Monteiro Lobato, mas assim é um lugar que você vai e é triste, não tem vida, não tem vida. É preciso ser mudado aquilo, daí vocês podem falar: Ah mais aquilo é Patrimônio Histórico não pode mexer. Mas muitas coisas ali deveriam mudar. Muita gente que eu levo lá fica decepcionado, infelizmente eu tenho que dizer isso, fica decepcionado com a estrutura do local. As coisas ali parece que não evolui e poderia trabalhar o novo junto com o velho, não precisa desmanchar, destruir, não concorda P2i? (P1i)

Outro participante concordou com o participante P1 grupo I referente ao sítio do pica-pau amarelo e sua infraestrutura, P5a diz:

Assim, quando eu vim morar em Taubaté, muita gente lá de São Paula falava sobre o sítio e quando eu cheguei aqui a primeira coisa que eu queria fazer era ir lá ver, porque todo mundo falava que era incrível. E quando eu cheguei lá foi uma decepção, não tinha nada, foi uma grande decepção. Então eu concordo que do sim para juntar o novo e o antigo e fazer uma coisa melhor, porque é uma decepção, quando eu escutava eu achava que era incrível que iria ter muita coisa lá que eu ia adorar e não tem, é triste.

Sousa (2013) traz em seu artigo o ideal da criação do Monteiro Lobato, no qual a sua visão era de criar uma literatura onde misturasse a vida comum daquela época com o imaginário e fantasioso com a intenção de resgatar o folclore brasileiro e não como uma utopia do escritor. Portanto o Sítio é o local materializado desta história criada e para outro participante em sua entrevista também comentou sobre o mesmo lugar, possui um olhar diferente, para ele deve ser mantido da mesma maneira, assim como vimos sobre preservação anteriormente, apenas fazer melhorias para receber melhor sua população.

Eu já discuti isso uma vez, o cara falou: a aqui devia mudar. Ali não é a Disneylândia, é o Sítio do Pica-pau Amarelo, tem que ser do jeito que tem que ser, colocar um banheiro mais descente, colocar uma lanchonete atrás da estrutura do sítio, para as pessoas chegarem e terem aonde comer. Agora a estrutura do Sítio tem que ser como está, vai mudar o que ali? Vai transformar na Disneylândia colocar roda gigante? O Sítio é daquele jeito e tem que ser preservado daquele jeito. Então eu já discuti isso uma vez, não pode mudar a característica dele. (JPi)

Tivemos a apresentação de alguns relatos dos entrevistados sobre a cidade de Taubaté que se tornaram marcantes em suas vidas, fora aqueles já introduzidos nos demais temas aqui pontuados, mas esse em especial é para mostrar como a memória age ativamente sobre nossa percepção da cidade e como ao parar para pensarmos enxergamos novamente os Patrimônios de nossa própria cidade.

Considerações Finais

Alguns participantes foram bem ativos em relação a outros, como o grupo focal foi realizado de maneira remota alguns participantes acabaram ficando com a câmera desligada, desta forma não se pode com tanta propriedade visualizar as expressões dos mesmos, implicando em uma dificuldade em entender suas emoções, contudo mesmo com esses empecilhos os participantes foram muito engajados. Já nas entrevistas a maioria dos participantes utilizaram a câmera e uma foi feita pessoalmente sendo observado com mais facilidade as emoções, os gestos, a relação do olhar com a fala.

A partir da análise e discussão realizado percebeu-se uma a consciência sobre a existência dos Patrimônios dentro da cidade de Taubaté com todos os participantes, todos tinham histórias para contar de pelo menos um edifício da cidade, também foi observado pela pesquisadora uma visão geral da importância dos Patrimônios para a própria população e seus significados.

Percebeu-se a ativação do campo da memória entre os participantes, principalmente dos idosos, que constantemente lembravam de fatos marcantes para eles mesmo sem fugir do tema. Um participante em especial lembrou como era Taubaté em tempos de guerra, outro lembrou que nas proximidades da praça Santa Terezinha existia um presídio, outro se recordou da formação da malha urbana, que há muitos anos atrás a partir da linha do trem não se via muitos bairros e casas, diferente dos dias atuais, um até mesmo participou quando criança da colocação do braço da estátua do Cristo Redentor, desta forma, observamos que ao falar da cidade, muitas memórias foram ativadas e a felicidade dos participantes ao contar sua relação com ela, é de extrema importância para a preservação dos edifícios.

Ainda sobre os relatos dos mais velhos, o interessante foi observar a compreensão dos mais jovens, que foi imediata e fez com que ativassem as suas próprias memórias, mesmo que tão jovens, muito deles lembraram de quando conheceram pela primeira vez o Sítio do Pica-pau- Amarelo ou mesmo a famosa praça Santa Terezinha, com sua igreja fabulosa e sua arquitetura neogótica. Um dos participantes adultos relembrou de como era a igreja do Pilar antes de seu fechamento e as muitas estatuas religiosas antigas que ela guarda.

A memória mostrou-se importante para a relação com a geração mais nova e a experiência contada pelos mais velhos, assim como descrito por autores, serão contados para outros círculos de pessoas, pois para o ouvinte parte da memória contada também se torna parte do seu próprio conhecimento. Ela se torna um artefato de busca, de reavivamento daqueles

momentos e a riqueza de detalhes que ela fornece mesmo depois de anos demonstra que todos devemos contar aquilo que guardamos.

Também foi estimulante notar o entendimento de alguns participantes sobre a importância do Patrimônio frente a formação identitária da população e o sentimento de pertencimento que ele fornece.

O pertencer é um dos pontos principais para compreender o tema da pesquisa, é ele que cria esse vínculo com os Edifícios Históricos. Como podemos preservar algo ou alguma coisa se não temos relação com ela? E como podemos formar nossa identidade ao longo da vida sem nos sentirmos pertencentes a um local ou a um grupo? A resposta é simples, os seres humanos são feitos de relações sociais, precisam de raízes, vínculos, precisam voltar sempre para algum lugar, o lar, é onde se encontra parte de sua história pessoal.

E só pode criar raízes quando no mínimo possui sentimentos de onde se vive, os Edifícios Históricos estão presentes nas cidades para auxiliar nesse processo de compreensão de suas existências e do lugar em que se vive, e com a ajuda deles que é possível entender como a civilização chegou até os dias de hoje.

Também quando falamos de pertencimento, vem o conceito de cidadão, já que ser um é ter ações que promovam melhorias no local em que se vive para a sua qualidade de vida. Foi um dos pontos levantados com os participantes, seus próprios direitos, sendo o acesso à cultura um deles e um ato como taubateano seria reivindicar ações de preservação dos Edifícios históricos.

Existem órgãos e comissões que auxiliam a população para tais ações. Mas por que isso não acontece na cidade de Taubaté? Novamente voltamos ao ponto já falado, o pertencimento e o entender que o fato de ser cidadão, como explicado na Revisão da Literatura, faz a população ter o poder de lutar para que isso aconteça.

O reconhecimento da importância de se conhecer a cidade também foi observado, já que os Patrimônios se encontram dentro da malha urbana, fazendo parte do contexto da cidade e a breve relação dela com seu povo, o Patrimônio depende da mudança do olhar da população frente a cidade.

Na Revisão da Literatura diz como devemos conhecer melhor nossa cidade, a simples ação de caminhar por entre suas ruas já faz a conhecer. A autora Freire (1997) escreveu em seu livro, sobre a cidade de São Paulo, apenas tendo está ação e conversando com as pessoas que encontravam por ela. Um dos participantes do grupo focal informou que conheceu um Edifício antigo a escola Dr. Lopes Chaves, que completa este ano 118 anos, tombado pelo Condephaat,

caminhando pelo centro da cidade, hoje ele tem um forte desejo que o edifício seja transformado em um centro cultural.

Outro ponto histórico da cidade de Taubaté apresentado por mais de um participante, foi o Mercado Municipal que possui sua planta baixa exatamente como antigamente, sua fachada ainda possui traços de sua história e para eles era o ponto de encontro de muitas pessoas de fora e a pergunta que ficou entre os participantes: Porque não transformar esse local em uma praça cultural, com barracas com comidas típicas e artesanato? Esses relatos demonstram que quando conhecemos e nos sentimos pertencentes a uma localidade queremos transforma-los para melhor e para que os outros que não a conhece tenham a oportunidade de experimentar.

Também foi levantado por todos os participantes a falta da preservação com a grande maioria dos Edifícios Históricos da cidade e a maioria relacionou tal ação com a falta da implementação do assunto dentro das escolas, pontuando que deveria fazer parte do ensino, sendo de grande importância desde a base, os pequenos, já terem contato com a história da cidade em que vivem, podendo começar com a história da escola ou o bairro em que vivem, assim como comentado por uma das participantes.

Outro fato bastante falado pelos participantes que implica na falta de preservação dos Patrimônios é a falta de vontade de preservar dos órgãos públicos, enfatizaram bastante que os prédios da cidade de Taubaté se encontram desta maneira pela falta de entendimento da importância da cultura para a população pelos órgãos governamentais.

Mas pode-se dizer que este problema não diz respeito apenas aos órgãos públicos, claro deixando aqui sim sua parcela de participação, mas também é um problema da população, que como dito acima não possui uma base firme sob o que é Patrimônio, muitos não se interessam em protegê-los, acham que devem ser retirados do local para a construção de edifícios mais luxuosos que trariam mais benefício a cidade.

Entretanto devemos elucidar que este presente trabalho deixou mais do que claro, que ambas as construções podem coexistir na mesma malha urbana sem tirar a importância um do outro, obviamente a cidade deve crescer e progredir, porém sem deixar sua história abandonada. A grande problemática dos participantes era justamente essa, como e o que fazer para que os Edifícios Históricos sejam preservados, a resposta talvez esteja em nossas próprias mãos, só falta a ação.

Os participantes também acreditam que o preservar para as próximas gerações é de extrema importância, pois como já comentado anteriormente também terão todo o processo de formação identitária e de memória formada sobre o lugar em que residem. Observando a relação

deles no grupo focal, foi surpreendente o respeito mútuo entre eles e os comentários positivos contados pelos mais velhos.

Os participantes também acrescentaram que o turismo pode ser um contribuinte para essa valorização e preservação, porém uma ressalva, quando um edifício histórico é transformado em um ponto turístico o cuidado para sua manutenção deve ser dobrado, pois a deterioração pode ser maléfica para o monumento.

Conclui-se, portanto, que os edifícios históricos da cidade de Taubaté são conhecidos por parte de sua população, o desejo deles serem preservados e a importância para vida coletiva da sociedade também, porém a grande maioria dos participantes culpou os governantes de não estar acontecendo ações de preservação, pontuaram a falta de divulgação dos pontos históricos, a falta de interesse dos mesmos em promover esse contato com a cultura na cidade. Também podemos deixar explícito a falta da abordagem do assunto dentro das escolas e o tão essencial seria ter um plano educacional, já que Taubaté tem potencial cultural.

Também pode-se concluir que esses tipos de encontros fermentam a participação da população sobre a vontade de entender, pesquisar mais sobre o assunto e principalmente fazer algo para alterar o cenário atual, podendo ter uma comissão que promova reuniões periódicas diretamente com a população, ou feiras que abordem a importância da história de Taubaté, para que todos os cidadãos tenham o poder de fala e o desejo de agir.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Morgado. **Taubaté de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba**. [s.l.]: Editora Santuário, 1985.

BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o conceito de cultura**. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política, Niterói-RJ, n. 1, p. 15-30, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade**: Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

_____. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

BRISOLA, Elisa; MARCONDES, Nilsen. **Análise de Triangulação de métodos**: um referencial para pesquisas qualitativas. Revista Univap São José dos Campos- SP, v. 20, n 35, p. 201-208, jul 2014.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2019

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural** - o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

_____. **O Patrimônio em questão**: Antologia para um combate. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio; BIAL, Pedro. **Gerações em Ebulição**: O passado do futuro e o futuro do passado. Campinas- SP: Papyrus 7 mares, 2018.

CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas**: e outros ensaios. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

_____. **Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 97-108.

_____. **Identidade Étnica**. In: SALLUM JR, B.; SCHWARCZ, L. M.; VIDAL, D.; CATANI, A. Identidades. São Paulo: Edusp, 2018.

DESLANDES, Suely; MINAYO, Cecília (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RG: Vozes, 2009.

FERRIGNO, José Carlos. **O conflito de gerações**: Atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas a construção de uma cultura intergeracional solidária. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Cooperação entre gerações**. 2º ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOLANDA, Fabiola; MEIHY, José Carlos. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO ARTISTICO NACIONAL; TOLENTINO, B. Átila (org.). **Educação patrimonial**: educação, memórias e identidades. João Pessoa: Iphan, 2013.

LAKARTOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **Por amor as cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MINAYO, Cecília. Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07>. Acesso em: 6 jun. 2020.

MONTERO, Paula. **Cultura e comunicação: a tradução cultural e a re-invenção da etnicidade**. In: Desafios da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2003, cap. 12, p.146-154.

MOTTA, Lia. **Sítios urbanos da redemocratização**: Novas demandas e caminhos para a aplicação das práticas de preservação. Revista Anais do Museu Paulista. São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, p. 1-33. d2e33

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A problemática dos lugares. São Paulo: [s.n], 1993.

NOVAES, Maria Helena (org.). **As gerações e suas lições de vida**: aprender em tempo do viver. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 2005

PRADO, José Benedito (org.). **Taubaté**: cidade educação, cultura e ciência. São Paulo: Noovha América, 2005.

SANTOS, Milton. **Espaço do Cidadão**. 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Eduardo. **Cultura e desenvolvimento humano**: O papel do Estado e da sociedade civil na consolidação da cidadania cultural. Revista de Informações Legislativas. Brasília: a 47, n 185, 2010.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Roteiro para o grupo focal

Data: _____

Local: _____

Horário: _____

Público Alvo: _____

Pontos norteadores do estudo e perguntas

Apresentação para os integrantes sobre a pesquisa

1. O que é Patrimônio Histórico?
2. Qual a história de Taubaté?
3. Qual sua opinião sobre preservação do Patrimônio Histórico?
4. Cite alguns Patrimônios da cidade de Taubaté
5. Como o Patrimônio Histórico de Taubaté pode influenciar na sua vida?

Roteiro de observação

Registrar o comportamento dos participantes frente ao tema e perguntas, observado pela pesquisadora durante a realização do encontro

Registrar e observar as expressões dos participantes, assim como silêncio, entusiasmos, tranquilidade, etc.

Observar a interação entre as duas faixas etárias

Registrar os comentários, sejam eles pertinentes ou não.

Observar, se houver, comentários realizados dentro a mesma faixa etária.

Observar a diferença de interesse sobre o assunto de ambas as faixas etárias.

Observar e registrar se há algum preconceito pré-existente entre os participantes

Registrar a opinião deles sobre o encontro no final.

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS
Questionário aos idosos e jovens que farão a entrevista

PARTE I. Dados Gerais de Identificação

Nome completo:

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Nasceu na cidade? Sim () Não (). Se não, em qual cidade nasceu? _____

PARTE II. Questões

1. Você conhece a História da cidade de Taubaté? Conte-me sua experiência.
2. Para você é importante conhecer a História da cidade. Por quê?
3. Você conhece algum Patrimônio Histórico da cidade de Taubaté? Conte-me sua experiência.
4. Quais os Patrimônios Históricos da cidade que você mais gosta?
5. Você acredita que é importante preservar esses prédios históricos? Por quê?
6. O que é mais importante para você que deveria ser preservado na cidade, que você considera como Patrimônio Histórico?
7. Se você fosse tirar uma foto que representaria a cidade de Taubaté, da onde seria ela? Por que?
8. Você acha que a restauração dos Patrimônios Históricos e a eventual abertura para a população seria benéfica aos cidadãos de Taubaté? Por que?
9. Em sua opinião a cooperação entre as gerações é algo importante para a transmissão de experiências sejam elas antigas ou novas?
10. Você já ouviu alguma história, ou fato importante que aconteceu na cidade de Taubaté, por alguém da sua família? Conte-me sua experiência.
11. Você acredita que a preservação dos monumentos Históricos da cidade, podem auxiliar na transmissão cultural?
12. Conte-me como foi sua experiência com os idosos e o tema?

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “ **A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté**”, sob a responsabilidade do pesquisador “ **Rafaela de Camargo Marcelino**”. Nesta pesquisa pretendemos “ **Compreender a relação entre a cidade de Taubaté-SP e seus prédios históricos com seus habitantes numa perspectiva geracional e a percepção da necessidade da preservação do patrimônio.**” por meio de “ **De adesão para a participação de um grupo de conversas e discussões referentes aos patrimônios históricos da cidade de Taubaté-SP, a conversa será conduzida com o auxílio de um roteiro com perguntas semiestruturadas. Após esta roda de conversa será escolhido por meio de adesão dois participantes de cada faixa etária para realizar uma entrevista com perguntas temáticas referente ao tema, será seguido todos os protocolos de segurança contra o COVID-19, sendo realizado em um espaço aberto, mantendo distanciamento social, a obrigatoriedade do uso de máscaras e a disponibilização de álcool em gel.**”

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em “ **Interação com grupo de pessoas mais jovens, possibilitando o contato com pensamentos e ideais diferentes do corriqueiro, encontro com o passado através de discussões sobre o tema, algo que pode auxiliar no modo de olhar e compreender a cidade em que vive, podendo transformar também o olhar do adolescente, através de sua história de vida.**” e os riscos “ **Ao se tratar de algo que mexe com o passado, que pode trazer memórias dolorosas e acarretar possivelmente em um desequilíbrio emocional**”. Entretanto para evitar que ocorram danos “ **será tomado todos os cuidados ao abordar assuntos do passado, mantendo o foco das conversas e discussões apenas no que se refere a discussão, já descrito e previsto em um roteiro e caso acarrete algum momento de fragilidade será dado todo o suporte necessário para o participante e o encerramento do assunto.**” Caso haja algum dano ao participante será garantido aos mesmos procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

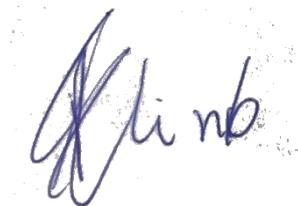
Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará

qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12) 998107-0828 “**inclusive ligações a cobrar**” ou e-mail **rafamarcelino@live.com**

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Rafaela de Camargo Marcelino

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO COMO CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS NA ARTICULAÇÃO ENTRE GERAÇÕES E IDENTIDADES EM TAUBATÉ**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

13.

14.

_____ Assinatura do(a) participante

ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)- JOVENS

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “ **A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté**”, sob a responsabilidade do pesquisador “ **Rafaela de Camargo Marcelino**”. Nesta pesquisa pretendemos “**Compreender a relação entre a cidade de Taubaté-SP e seus prédios históricos com seus habitantes numa perspectiva geracional e a percepção da necessidade da preservação do patrimônio.**” por meio de “**De adesão para a participação de um grupo de conversas e discussões referentes aos patrimônios históricos da cidade de Taubaté-SP, a conversa será conduzida com o auxílio de um roteiro com perguntas semiestruturadas. Após está roda de conversa será escolhido por meio de adesão dois participantes de cada faixa etária para realizar uma entrevista com perguntas temáticas referente ao tema, será seguido todos os protocolos de segurança contra o COVID-19, sendo realizado em um espaço aberto, mantendo distanciamento social, a obrigatoriedade do uso de máscaras e a disponibilização de álcool em gel.**”

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em “**Interação com grupo de pessoas mais velhas, podendo abrir os olhos dos idosos para o mundo da tecnologia, contando suas experiencias, além da discussão sobre o tema, algo que pode auxiliar no desenvolvimento humano e no crescimento pessoal**” e os riscos “**são mínimos, podendo ocorrer algo na locomoção dos participantes até o local da reunião**”. Entretanto para evitar que ocorram danos “**será tomado todos os cuidados para assegurar a ida e vinda dos participantes, tendo o acompanhamento de um professor responsável.**”

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone **(12) 998107-0828** “inclusive ligações a cobrar” ou e-mail **rafamarcelino@live.com**.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Rafaela de Camargo Marcelino

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO COMO CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS NA ARTICULAÇÃO ENTRE GERAÇÕES E IDENTIDADES EM TAUBATÉ**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, de 2020

Assinatura do(a) participante

ANEXO C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do responsável pelo menor)

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) a participar da pesquisa pesquisa “ **A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté**”. sob a responsabilidade do pesquisador **Rafaela de Camargo Marcenlino**. Nesta pesquisa pretendemos “**Compreender a relação entre a cidade de Taubaté-SP e seus prédios históricos com seus habitantes numa perspectiva geracional e a percepção da necessidade da preservação do patrimônio.**”

A participação dele é voluntária e se dará por meio “**De adesão para a participação de um grupo de conversas e discussões referentes aos patrimônios históricos da cidade de Taubaté-SP, a conversa será conduzida com o auxílio de um roteiro com perguntas semiestruturadas. Após esta roda de conversa será escolhido por meio de sorteio dois participantes de cada faixa etária para realizar uma entrevista com perguntas temáticas referente ao tema, será seguido todos os protocolos de segurança contra o COVID-19, sendo realizado em um espaço aberto, mantendo distanciamento social, a obrigatoriedade do uso de máscaras e a disponibilização de álcool em gel.**”

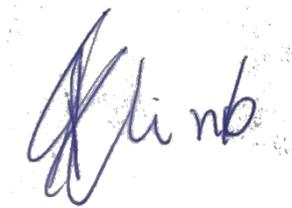
Esta pesquisa apresenta risco mínimo **podendo ocorrer algo na locomoção dos participantes até o local da reunião**”. Entretanto para evitar que ocorram danos “**será tomado todos os cuidados para assegurar a ida e vinda dos participantes, tendo o acompanhamento de um professor responsável.**”

Apesar disso, o menor tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, de responsabilidade do pesquisador responsável. “**Se ele aceitar participar estará contribuindo, para o seu próprio conhecimento pessoal e auxiliando no seu desenvolvimento, pois irá interagir com grupo de pessoas mais velhas, além de discussões relacionados sobre o tema.**”

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Os

resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12) 998107-0828 “inclusive ligações a cobrar” ou e-mail **rafamarcelino@live.com** Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.



RAFAELA DE CAMARGO MARCELINO

Consentimento Pós-informação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade

_____, responsável pelo menor, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, de 2020

Assinatura do(a) participante

ANEXO D - TERMO DE ASSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO

Obs.: Este termo será enviado após a autorização do Comitê de Ética da Universidade de Taubaté.

Eu, _____(nome do responsável),
_____ (cargo), _____(nome da
instituição) de _____(cidade- estado) declaro que a aluna **Rafaela de Camargo Marcelino**, o e-mail **rafamarcelino@live.com**, telefone **(12) 9183-8802**, do Curso **Mestrado em Desenvolvimento Humano** da Universidade de Taubaté está autorizada a realizar nesta Instituição o projeto de pesquisa.

“A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté”, sob a responsabilidade do pesquisador **Prof. Dr. Rachel Duarte Abdala**, cujo objetivo geral é **“Compreender a relação entre a cidade de Taubaté-SP e seus prédios históricos com seus habitantes numa perspectiva geracional e a percepção da necessidade da preservação do patrimônio.”**

Ressalto que estou ciente de que serão garantidos, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Informo-lhe ainda, que a pesquisa somente será iniciada após a aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa CEP/UNITAU para garantir aos envolvidos os referenciais básicos, isto é, autonomia, não maleficência, benevolência e justiça.

Taubaté, ____ de _____ de _____.

(CARIMBO E ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DA INSTITUIÇÃO)



ANEXO E- TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu **Rafaela de Camargo Marcelino**, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **A preservação do Patrimônio Histórico como construção de memórias na articulação entre gerações e identidades em Taubaté**, comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A ou da Resolução 466/12).

Em relação à coleta de dados, eu pesquisador responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

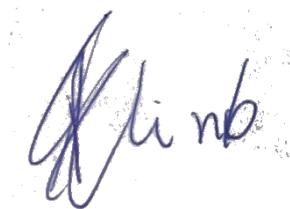
Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Taubaté, 27 de outubro de 2020.



Assinatura do Pesquisador Responsável
Rafaela de Camargo Marcelino (pesquisador)